

FARMÁCIA PORTUGUESA ²⁴¹

HELDER MOTA FILIPE

BASTONÁRIO DOS FARMACÊUTICOS

«Farmacêutico pode assumir renovação do receituário de doentes crónicos»

DESAFIO COVID-19

TESTAGEM NA FARMÁCIA

Mais de 12,3 milhões de testes realizados em 1.574 farmácias

INGLATERRA E FRANÇA

CONTRATUALIZAÇÃO

Governos suportam serviços de controlo de hipertensão e administração de vacinas inativas



**RESULTADOS
POSITIVOS**



REFORMA · PREVIDÊNCIA · POUPANÇA · CAPITALIZAÇÃO

**CONTAMOS COM TODOS
PARA CONTINUAR A CRESCER**

DIANA
AMARAL



ORQUESTRA EM SAÚDE

“**O**rquestra, conjunto alargado e organizado de músicos que tocam uma variedade de instrumentos musicais, geralmente dirigidos por um maestro e com mais de um executante por grupo de instrumentos”. É assim que vejo os últimos dois anos, quando penso no apoio dado por todos os operadores da Saúde ao Serviço Nacional de Saúde (SNS). A determinada altura, o SNS, que já tinha mostrado dificuldade em dar resposta, viu-se obrigado a recorrer aos parceiros do setor privado e social.

Fazendo a respetiva analogia com o maestro, ao formular um apelo nacional, as farmácias responderam da forma mais profissional e eficaz, levando a bom porto as pretensões do Governo.

Os parceiros sociais, tal como municípios, juntas de freguesia, escolas e associações, também estiveram presentes na resposta a este apelo e desempenharam um importantíssimo papel no combate à pandemia. Entre os milhares de testes realizados, cada caso positivo detetado foi uma cadeia de transmissão quebrada. E quando todos estamos envolvidos e empenhados, os bons resultados aparecem.

É de louvar o esforço das farmácias que estiveram sempre na linha da frente, sem nunca descurar a formação das suas equipas para que o serviço farmacêutico fosse prestado com o elevado nível de profissionalismo, ética e competência a que desde sempre habituámos os nossos utentes.

Há muito trabalho que não se vê, como é o caso da comunicação dos resultados à plataforma SINAVE, essencial para a realização dos estudos epidemiológicos, acompanhamento da doença e apoio na decisão política relativamente à abertura da economia.

Também foi neste período que se conseguiu o maior contingente de sempre na vacinação contra a gripe. Mais uma vez, as farmácias foram chamadas e disseram "presente"!

Conjugámos esforços com os centros de saúde e levámos a cabo, com o apoio das autarquias, a campanha de imunização contra a COVID-19 e a gripe.

Várias empresas realizaram protocolos com as farmácias para vacinarem os seus colaboradores e, de uma forma preventiva, evitarem a doença e o absentismo laboral.

Assistiu-se a uma união nacional em prol da saúde pública.

Mas a nossa atuação não se encerra aqui. Queremos que nos sejam dadas ferramentas para que possamos implementar na nossa rede de farmácias outros serviços complementares aos cuidados de saúde primários, e deixamos alguns exemplos do que já se faz noutros países.

O serviço de monitorização da hipertensão contratualizado em Inglaterra é já uma realidade. Em França, o serviço de prescrição e administração das vacinas do programa de vacinação oficial é realizado nas farmácias comunitárias. O serviço de vacinação contra a COVID-19, contratualizado e remunerado pelo Estado, está presente em vários países, como Luxemburgo, Reino Unido, Itália, Bélgica e Grécia.

Quem melhor do que o recém-eleito bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, Helder Mota Filipe, para nos falar da importância dos farmacêuticos comunitários na sociedade? A implementação de novos serviços nas farmácias será, na sua ótica, um excelente pretexto para a Ordem dos Farmacêuticos desenvolver a carreira, a necessidade de criação de novas competências formais e a diferenciação por especialidade.

Assim como o nosso bastonário, também eu sou uma otimista realista, e tenho a certeza de que com uma boa comunicação entre todos os profissionais de saúde e vontade política, iremos alcançar ganhos em saúde e poupanças ao SNS.

Basta afinar os instrumentos, porque a orquestra está pronta para tocar na perfeição.

www.revistasauda.pt

Diretora _____
Diana Amaral

Diretora-adjunta – Editorial _____
Maria Jorge Costa

Diretor-adjunto – Marketing _____
Fausto Ferreira

Editor de Fotografia _____
Pedro Loureiro

Capa _____
Pedro Loureiro

Responsável de Marketing _____
Susana Martins de Almeida

Redação _____
Carina Machado
Nuno Esteves
Pedro Veiga
Sandra Costa
Sónia Balasteiro
Vera Pimenta

Jornalista Convidado _____
Paulo Martins

Arquivo das Farmácias _____
Ricardo Martins

Secretária de Redação _____
Paula Cristina Santos
comunicacao@anf.pt

Direção de Arte e Paginação _____
Ideias com Peso

Projeto Editorial _____
Departamento de Comunicação
da Associação Nacional das Farmácias

Projeto Gráfico _____
Ideias com Peso

N.º 244: janeiro – julho 2022

Tiragem: 5.500 exemplares

Impressão e acabamento _____
Lídergraf Sustainable Printing

Publicidade _____
comercial@sauda.pt | 213 400 706

Assinaturas
1 ano (2 edições): 30 euros
Estudantes de Farmácia: 20 euros

FARMÁCIA PORTUGUESA
é uma publicação da
Associação Nacional das Farmácias
Rua Marechal Saldanha, 1
1249-069 Lisboa

anf

Associação Nacional das Farmácias
Todos os direitos reservados.



JAN/JUL 2022 : 244



POLÍTICA DA REDE
6 REALIZAÇÃO DE MAIS DE 12,3 MILHÕES DE TESTES RESPONDE A APELO NACIONAL

8 REGIÕES E MUNICÍPIOS RASTREIAM O CORONAVÍRUS

10 GRIPE: O MAIOR CONTINGENTE PRIVADO DE SEMPRE

FARMÁCIAS REAIS
11 LIVRES PARA APRENDER
14 «NÃO PODÍAMOS BAIXAR OS BRAÇOS»
17 QUATRO EM CADA DEZ TESTES A ESTRANGEIROS

INTERNACIONAL
INGLATERRA
20 CONTRATO PARA CONTROLAR HIPERTENSÃO

FRANÇA
22 MAIS VACINAS NAS FARMÁCIAS

ENTREVISTA
24 «FARMACÊUTICOS PODEM ASSUMIR RENOVAÇÃO DO RECEITUÁRIO DE DOENTES CRÓNICOS»
Helder Mota Filipe, bastonário da OF

RESPONSABILIDADE SOCIAL
34 LITERACIA EM SAÚDE PARA IDOSOS

MEMÓRIA
38 ARTE BENEMÉRITA
42 A HUMILDADE AO SERVIÇO DA FARMÁCIA
44 NA CURVA DA HISTÓRIA

COPIADOR
48 LIVRO DE REGISTOS DA FARMÁCIA PORTUGUESA

FARMACÊUTICO CONVIDA
50 PINTADA DE OLIVEIRAS
João Sá, em Mirandela

PRESIDENTE
58 EM DIREÇÃO AO FUTURO
Ema Paulino

REALIZAÇÃO DE MAIS DE 12,3 MILHÕES DE TESTES RESPONDE A APELO NACIONAL

TEXTO:
NUNO ESTEVES

A urgência do combate à pandemia empurrou o Estado para uma decisão sem precedentes: pela primeira vez, em mais de 45 anos, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) convencionou com o setor da Farmácia a prestação de um serviço de saúde remunerado, o regime de comparticipação excecional e temporária que permitiu a realização mensal de quatro testes rápidos de antigénio (TRAg) por cidadão. A operacionalização dessa estratégia, de implementação necessariamente rápida e alargada, evidenciou as mais-valias do envolvimento das farmácias naquilo que o primeiro-ministro apelidou de «esforço nacional de testagem» à COVID-19.

O Governo decidiu apostar na testagem massiva da população, sendo regra, para muitas situações da vida quotidiana, a obrigatoriedade de apresentação de resultado negativo num teste PCR ou TRAg de uso profissional.

O regime, que previa custo zero para os cidadãos, vigorou até 30 de setembro, tendo sido reintroduzido em novembro, para contenção e controlo da pandemia na quadra natalícia. Nesse período, aumentou-se o valor da comparticipação do serviço, de dez para 15 euros, tornando a sua prestação, de adesão voluntária, sustentável para mais farmácias. A procura, muito elevada, levou a que fossem alcançados e batidos recordes no número de serviços prestados. Só nos dias 30 e 31 de dezembro, as farmácias testaram cerca de 410 mil pessoas.

A AS FARMÁCIAS FIZERAM UM ESFORÇO EM HORAS EXTRAORDINÁRIAS E CONTRATARAM PROFISSIONAIS, PARA ACCORRER ÀS NECESSIDADES

Durante a vigência da comparticipação dos TRAg, as 1.574 farmácias aderentes adaptaram meios e fluxos organizacionais internos para acomodar a resposta às diferentes solicitações neste âmbito, sem descuidar a dispensa e o aconselhamento à população. A iniciativa do Instituto da Segurança Social (ISS) é disso exemplo.

Para salvaguarda do reinício da atividade de creches, pré-escolar, amas e centros de tempos livres após as férias de Natal, o ISS promoveu a testagem dos trabalhadores destas unidades, através de um protocolo de colaboração com a Associação Nacional das Farmácias (ANF), para que as farmácias aderentes à convenção com o SNS assegurassem o rastreio antes da abertura dos estabelecimentos.



Ministério da Saúde e Associação Nacional das Farmácias uniram esforços quando foi mais necessário

A vice-presidente do ISS justificava assim a opção: «Com o trabalho de proximidade desenvolvido junto das populações, a ANF é um parceiro privilegiado para assegurar a testagem destes profissionais de forma ágil, rápida, em todo o país». A ação, que decorreu na totalidade do território nacional entre 10 e 21 de janeiro, abrangeu 35 mil pessoas.

Quase simultaneamente, a 18 de janeiro, as farmácias iniciavam outro processo de testagem, abrangendo os estudantes dos estabelecimentos públicos de ensino. Aproveitando o contexto dos quatro testes mensais comparticipados pelo SNS, a Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP) assinou um protocolo com a ANF para testar os alunos no arranque do segundo período. A iniciativa, que permitiu rastrear um milhão de crianças e jovens, assentou num modelo de articulação entre as escolas e as farmácias, levando em consideração as realidades locais.

«As farmácias fizeram tudo o que é humanamente possível» para responder às solicitações de testes ao abrigo da convenção com o SNS, assegura a presidente da ANF. A prestação do serviço e a integração nesta e noutras parcerias implicou, entre várias medidas, formação prévia e adequação de instalações para o preenchimento de todas as condições técnicas exigidas, bem como o cumprimento dos requisitos obrigatórios, incluindo o registo junto das entidades nacionais. Ema Paulino assinala ainda o «esforço adicional em horas extraordinárias» e o «reforço das equipas» com profissionais contratados para o efeito. Até ao final de junho, foram realizados mais de 12,3 milhões de TRAg pelas farmácias portuguesas.



As farmácias foram às escolas testar os alunos do ensino público

TESTES RÁPIDOS MANTÊM-SE GRATUITOS

No dia 23 de maio, face ao agravamento do número de novos casos de infeção por SARS-CoV-2, o Governo retomou a comparticipação a 100% dos TRAg (que havia terminado a 30 de abril), mas agora só mediante a apresentação de uma prescrição do SNS. A gratuidade dos testes foi prorrogada mensalmente, mantendo-se, de momento, até ao final de julho. Nos meses de maio e junho, foram realizados nas farmácias mais de 103 mil TRAg, ao abrigo do presente regime excecional e temporário.

REGIÕES E MUNICÍPIOS RASTREIAM O CORONAVÍRUS

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES



24 farmácias aderentes



Vigência: 19/07/2021 a 31/07/2022
(prolongamento sujeito a avaliação mensal)



Modelo: Atualmente obriga a apresentação de requisição da DRS



Realizados mais de 60 mil testes

A Região Autónoma da Madeira foi a primeira a estabelecer uma parceria com as farmácias para as integrar no programa regional de testagem da população à COVID-19. A iniciativa viria a ser seguida noutras latitudes, com o intuito de proteger as populações e assegurar a reabertura das economias locais em segurança. Além da Região Autónoma dos Açores, sete municípios do continente estabeleceram protocolos com as farmácias locais para a realização de TRAg aos seus munícipes, comparticipados pelas próprias câmaras.

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA



48 farmácias aderentes



Vigência: 26/04/2021 a 30/04/2022



Modelo: Arrançou com cobertura dos residentes maiores de 16 anos. Com os alargamentos, caíram as limitações de idade e foram incluídas todas as pessoas chegadas ao Arquipélago pelo aeroporto do Funchal e em deslocações Madeira/Porto Santo. Mais tarde, contemplou a testagem dos residentes com temperatura a partir de 38°C



Realizados mais de 828 mil testes

AMADORA



21 farmácias aderentes



Vigência: 01/07/2021 a 08/10/2021



Modelo: Residentes no município tinham direito a um teste de 15 em 15 dias



Realizados mais de 17.700 testes

ENTRONCAMENTO

-  1 farmácia aderente
-  Vigência: 01/11/2021 a 31/12/2021
-  Modelo: Distribuição de *vouchers* a segmentos da população, após aferição do impacto na atividade económica e social
-  Realizados 196 testes

LAGOA

-  3 farmácias aderentes
-  Vigência: 24/05/2021 a 08/05/2022
-  Modelo: Municípios podiam fazer quatro testes por mês
-  Realizados mais de 10.500 testes

ODIVELAS

-  21 farmácias aderentes
-  Vigência: 21/04/2021 a 31/10/2021
-  Modelo: Residentes no concelho, sem limite de idade, e trabalhadores da Câmara podiam fazer um teste quinzenalmente
-  Realizados mais de 29.600 testes

LISBOA

-  145 farmácias aderentes
-  Vigência: 31/03/2021 a 30/04/2022
-  Modelo: Arrancou com testes quinzenais aos residentes, chegando a compartilhar testes diários a todas as pessoas que circulassem na capital. Mais tarde, contemplou dois testes por mês
-  Realizados mais de 986.700 testes

PORTIMÃO

-  7 farmácias aderentes
-  Vigência: 04/08/2021 a 30/09/2021
-  Modelo: Residentes no município sem esquema vacinal completo, com mais de 12 anos, podiam fazer um teste semanal
-  Realizados 785 testes

OEIRAS

-  30 farmácias aderentes
-  Vigência: 05/04/2021 a 28/02/2022
-  Modelo: Municípios tinham direito a dois testes a cada 15 dias
-  Realizados mais de 70 mil testes

GRIPE: O MAIOR CONTINGENTE PRIVADO DE SEMPRE

Farmácias voltaram a complementar o SNS na vacinação contra a gripe.

A época gripal 2021/22 voltou a contar com a disponibilidade das farmácias portuguesas, que desde 2008 se associam ao SNS para vacinar a população contra a gripe. Tal como na época anterior, a circulação conjunta do SARS-CoV-2 e do vírus da gripe sazonal representou um desafio acrescido, que exigiu a conjugação de esforços para proteger a Saúde Pública e dar uma resposta efetiva às necessidades dos cidadãos, em especial dos mais vulneráveis. Resultado: a maior entrega de vacinas em sete anos.

«O nosso compromisso é atuar de forma complementar aos cuidados de saúde primários, ajudando a reduzir o esforço dos centros de saúde. Podem contar com as farmácias, e com os milhares de farmacêuticos habilitados e certificados, que prestam o serviço de vacinação com toda a segurança», garantiu a presidente da ANF, Ema Paulino. A promessa, feita no arranque da campanha, a 25 de outubro, não foi defraudada.

As farmácias empenharam-se em responder às necessidades em tempo de pandemia e asseguraram um

total de 900 mil vacinas, mais 40% de doses face à época anterior. Para o contingente do SNS, o Ministério da Saúde reservou 2,24 milhões de vacinas (+11,2%). O país obteve assim o maior contingente de sempre de vacinas, para uma campanha marcada pela decisão das autoridades de saúde de imunizarem simultaneamente contra a gripe e a COVID-19 o público abrangido. No final, a 31 de março, tinham sido dispensadas nas farmácias mais de 848 mil vacinas e administradas cerca de 535 mil, do contingente privado.

Também as câmaras municipais apoiaram o processo de vacinação contra a gripe, participando a 100% a administração nas farmácias aos seus municípios. Cada autarquia definiu o valor do investimento e o número de administrações de vacinas que participava. As 2.240 farmácias aderentes (76% do total), dos 18 distritos do continente, encarregaram-se de administrar as doses, provenientes do contingente do SNS. Iniciado em 15 de novembro, o programa “Vacinação SNS Local” 2021/22 contou com o envolvimento de 74 municípios, que garantiram a vacinação gratuita de 12.266 pessoas.

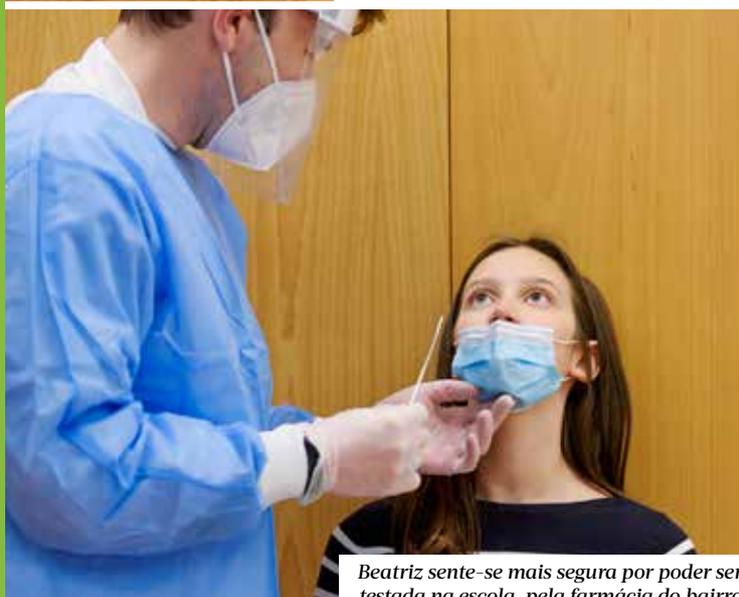
EMPRESAS FAZEM PROTOCOLO COM FARMÁCIAS PARA VACINAR FUNCIONÁRIOS

O serviço de administração de vacinas contra a gripe, disponibilizado pelas farmácias, também foi requisitado por empresas, à semelhança da época 2020/21. Para protegerem os trabalhadores contra o vírus *Influenza*, 11 entidades estabeleceram protocolos com 1.620 farmácias, distribuídas pelo país. As parcerias ocor-

reram no âmbito da medicina do trabalho, como forma de reduzir o absentismo laboral e favorecer a produtividade. Entre outubro e o final de novembro, 4.631 vacinas do contingente das farmácias foram administradas a colaboradores de entidades como CP, CTT, EDP, EPAL, Fidelidade e Jerónimo Martins.



«Testarmo-nos é um alívio de consciência»,
considera Francisca



Beatriz sente-se mais segura por poder ser
testada na escola, pela farmácia do bairro



No primeiro dia, a Farmácia
das Devesas realizou mais de 500 testes

LIVRES PARA APRENDER

REPORTAGEM:
VERA PIMENTA

FOTOGRAFIA:
RICARDO CASTELO

Os alunos do 9.º ano chegam ao auditório da Escola Básica Dr. Costa Matos, em Vila Nova de Gaia, num intervalo entre aulas, preparados para participar no rastreio à COVID-19. No interior, a equipa de farmacêuticos da Farmácia das Devesas está equipada e pronta para mais uma ronda de testes.

Tranquilamente, Francisco Carvalho voluntaria-se para ser o primeiro. O aluno de 14 anos confessa que o teste «dói um pouco, mas é rápido e acessível». A testagem regular permite identificar e isolar os alunos infetados, protegendo a comunidade escolar. «E assim sabemos se podemos encontrar-nos com os nossos amigos».

«A socialização é um ponto importantíssimo da escola», afirma a mãe, Lucinda Gomes. A professora de educação especial explica como o protocolo de testagem com as farmácias contribuiu para a segurança das famílias, principalmente nos casos em que os alunos partilham o teto com familiares idosos. «É uma ação que nos permite agir em nome da segurança de toda a comunidade».

O acordo entre a Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP) e a Associação Nacional das Farmácias (ANF) arrancou a 18 de janeiro, possibilitando a testagem de cerca de um milhão de estudantes das escolas públicas de todo o país.



Os estudantes encaram os testes à COVID-19 como um ato de solidariedade para com a família

A ideia surgiu quando a Direção-Geral da Saúde (DGS) anunciou que a testagem nas escolas passaria a incluir apenas professores e funcionários, ao contrário do que aconteceu no primeiro período escolar. «Nós questionámo-nos: “então e os alunos?”», recorda o presidente da ANDAEP, Filinto Lima.

A falta de resposta incentivou a assinatura do protocolo, que previa que o serviço de testagem fosse articulado localmente entre a escola e a farmácia, de acordo com as necessidades de cada concelho.

«Mesmo sem sintomas e com a vacina tomada, nunca sabemos se estamos ou não infetados». Francisca Ferreira, atleta federada de kickbox, orgulhosamente presidente da associação de estudantes e delegada de turma, acumula quase tantos testes negativos como os títulos que enverga. «Testarmo-nos é um alívio de consciência, mas também um ato de solidariedade para com a nossa família».

No dia que marcou o arranque da iniciativa, a Farmácia das Devesas contou com o apoio de outra farmácia do concelho na realização de mais de 500 testes. O processo, que começa com a recolha prévia do consentimento informado assinado pelos encarregados de educação, só termina no final do dia de testagem, quando todos os testes são devidamente registados no SINAVE.

«Para nós, tudo o que possa fazer com que a farmácia saia do seu ambiente e trabalhar com a sua comunidade é importante», afirma Sónia Sousa. Além da contribuição para a proteção da saúde da população, a diretora-técnica destaca o reconhecimento pela profissão farmacêutica, até então desconhecida por muitos alunos.

Beatriz Paredes, presidente do conselho fiscal da associação de estudantes e futura jornalista, admite que a COVID-19 mudou a sua vida: «Passei a ter contactos mais limitados, para proteger a minha família». O acordo de testagem «é uma mais-valia», acima de tudo por ser feito na

ACORDO ENTRE
ANF E ANDAEP
PERMITIU TESTAR
UM MILHÃO DE ALUNOS
DE ESCOLAS PÚBLICAS



Trabalhar com a comunidade é o designio de Sónia Sousa, diretora-técnica da Farmácia das Devesas



Filinto Lima, presidente da ANDAEP, destaca a importância da união entre os setores da Saúde e da Educação

escola, pelas mãos da farmácia de proximidade. «Faz-nos sentir a todos mais seguros», reforça o colega João Pereira.

Filinto Lima faz um balanço positivo da iniciativa. «A grande vantagem foi a segurança que transmitimos a alunos, pais e professores». O também presidente do agrupamento escolar Dr. Costa Matos enfatiza a importância da união entre os setores da saúde e da educação em prol do bem-estar de todos, e sublinha: «As farmácias de proximidade foram a chave do sucesso».

«**A**S FARMÁCIAS DE PROXIMIDADE FORAM A CHAVE DO SUCESSO», ENFATIZA FILINTO LIMA

«NÃO PODÍAMOS BAIXAR OS BRAÇOS»



Naquele dia, houve um registo positivo, sinónimo de uma cadeia de infeção quebrada



Escolas e farmácia uniram-se para testar alunos, professores e funcionários.

REPORTAGEM:
SANDRA COSTA

FOTOGRAFIA:
PEDRO LOUREIRO

Mal tinha arrancado o segundo período letivo quando a diretora do agrupamento de escolas de Miraflores, aflita com o aumento do número de casos de COVID-19 entre os alunos, pediu ajuda à Farmácia Alto de Algés. Como o adiamento do arranque das aulas para 10 de janeiro não impedira a propagação de casos, a situação complicava-se. «Era urgente testar e testar cada vez mais. As turmas estavam sempre a ser condicionadas por essa testagem, os pais não sabiam como fazer para testar os filhos», lembra Fátima Rodrigues.

Pairava a ameaça de caos do inverno anterior, a capacidade de testagem estava aquém da procura e «os testes PCR demoravam imenso tempo a serem marcados». A 18 de janeiro nasceu uma janela de oportunidade para inverter o rumo, quando a Associação Nacional das Farmácias (ANF) e a Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP) assinaram uma parceria com uma meta ambiciosa: testar um milhão de

estudantes dos estabelecimentos públicos de ensino ao longo do segundo período letivo.

Fátima Rodrigues não perdeu tempo. Entrou em contacto com Diogo Oliveira, proprietário da Farmácia Alto de Algés, que já conhecia de anteriores ações conjuntas. Em poucos dias puseram de pé uma campanha que permitiu realizar quase 300 TRAg: 238 a jovens dos 12 aos 18

EM POUCOS DIAS, A FARMÁCIA E O AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRAFLORES REALIZARAM QUASE 300 TRAg



«É importante para proteger os nossos colegas e família, e as pessoas que nos rodeiam no dia a dia», diz Xavier Pires, de apenas 11 anos

anos da Escola Secundária de Miraflores e 40 a alunos dos seis aos 12 anos da Escola Básica de Miraflores, para além de funcionários e professores de ambas as escolas. A testagem decorreu em quatro sessões de quatro horas cada, entre 27 de janeiro e 23 de fevereiro.

Na Escola Secundária de Miraflores, o bar dos alunos, desativado por causa da pandemia, foi usado como sala de testagem. À Direção da escola cabia divulgar a iniciativa entre alunos e funcionários, à farmácia disponibilizar os farmacêuticos e materiais necessários para testar quem aparecesse. «Era uma iniciativa absolutamente livre. Um serviço à comunidade, porque a escola tem de servir a comunidade. Não podíamos baixar os braços», diz Fátima Rodrigues, orgulhosa porque «a adesão foi muito boa».



«Era urgente testar e testar cada vez mais. As turmas estavam sempre a ser condicionadas por essa testagem», diz Fátima Rodrigues, diretora do agrupamento de escolas de Miraflores

Satisfeitos ficaram também os farmacêuticos envolvidos. «É gratificante contribuir para ajudar a comunidade», diz Bárbara Chambel. Confirma que «correu bem, mas deu muito trabalho», sobretudo o pós-testagem, incluindo a comunicação dos resultados ao SINAVE – Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica. Explica que muitas vezes foi preciso ficar mais horas na farmácia, para compensar o «tempo roubado» pela campanha de testagem.

Na ampla sala, a fila organiza-se ordeira, enquanto Diogo Oliveira e Bárbara Chambel, devidamente equipados, fazem o registo, testam e dispõem, numa mesa ao lado, os resultados do teste. Naquele dia, houve um registo positivo, sinónimo de uma cadeia de infeção quebrada. Os menores de idade, acompanhados pelos encarregados de educação, aguardam serenos, distraídos no telemóvel. Todos reconhecem a utilidade da testagem, um gesto que se tornou corriqueiro. «É importante para proteger os nossos colegas e família e as pessoas que nos rodeiam no dia a dia», explica Xavier Pires, a maturidade em pessoa num corpioto de 11 anos. «Estamos sempre em contacto com outras pessoas», diz



«Ajudámos a comunidade, detetámos muitos casos positivos», congratula-se a farmacêutica Rita Santana

Clara Coroado, 14 anos, para justificar a necessidade da testagem. Para a mãe, Maria João, é uma forma de garantir a segurança sem penalizar demasiado a socialização entre os jovens. «Começa a ser um bocadinho agressivo passarem muito tempo sem ter contacto. Fazer o teste na escola é fácil, é uma excelente iniciativa!».

«Correu bem, mas deu muito trabalho. É gratificante contribuir para ajudar a comunidade», diz a farmacêutica Bárbara Chambel



FARMÁCIA SILVA
VILAMOURA

QUATRO EM CADA DEZ TESTES A ESTRANGEIROS

Residentes estrangeiros e turistas escolhem farmácias para fazer testes à COVID-19.

REPORTAGEM: SANDRA COSTA FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO



A população estrangeira representa quatro em cada dez testes à COVID-19 realizados na Farmácia Silva, em Vilamoura. Destes, 40% são residentes e os restantes turistas, estima o farmacêutico Miguel Calçada. A farmácia iniciou o ser-

viço de TRAg em dezembro passado, «para facilitar as épocas festivas, Natal e passagem de ano, ajudando os utentes a cumprir as exigências em vigor na altura», explica. Desde então, até meados de abril, a farmácia fez mais de 4.500 TRAg.



«Trouxemos a testagem para mais perto das pessoas»,
congratula-se o farmacêutico Miguel Calçada



«Foi fundamental a existência de outros locais de testagem, além dos
laboratórios e dos meios do SNS», considera o médico José Garcês

«AS FARMÁCIAS AJUDARAM MUITO O SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE NO COMBATE À PANDEMIA», DIZ O MÉDICO JOSÉ GARCÊS

Não foi por falta de procura que a Farmácia Silva não iniciou este serviço logo no verão. Em Vilamoura, os locais de testagem quase se limitavam aos laboratórios com tendas montadas na rua, reconhece Miguel Calçada. «Não começámos antes porque o serviço de testagem iria comprometer o normal atendimento dos clientes», justifica. O verão, e sobretudo agosto, é uma altura crítica para a equipa fixa de 15 pessoas. Daí a decisão de aguardar o fim do pico do movimento para iniciar a aventura da testagem à COVID-19.

Três elementos da equipa receberam formação e asseguram a realização dos TRAg. No arranque, ultrapassar o medo foi um desafio. Miguel Calçada ainda recorda bem o «desconforto inicial» face ao elevado número de casos, «famílias de quatro ou cinco pessoas, todas positivas». «Com o tempo, percebemos que as medidas de segurança implementadas eram suficientes e ganhámos confiança», afirma. Tudo tem corrido sem dificuldades e só durante as festividades de dezembro houve sobrecarga, mas a equipa conseguiu dar resposta. «Todos se envolveram e entregaram a 100%», reconhece Miguel Calçada. Da parte da comunidade, a receptividade é boa. «Trouxemos a testagem para mais perto das pessoas».

José Garcês não tem dúvidas: «As farmácias ajudaram muito o Serviço Nacional de Saúde (SNS) no combate à pandemia». Exemplifica com o apoio dado com o serviço de TRAg, que contribuiu para despistar os casos positivos, obtendo «resultados credíveis» e comunicando-os ao SNS. «Foi fundamental a existência de outros locais de testagem, além dos laboratórios e dos meios do SNS», sentencia o médico já reformado, que escolheu

Vilamoura para viver, em 1985, no regresso de Moçambique. «Não havia lugar mais parecido com África do que o Algarve», diz com um sorriso.

O médico acompanhou com atenção a evolução da pandemia no país e no Algarve. O aumento de casos após a estadia dos turistas no verão, o declínio da onda a Sul, ainda antes do que aconteceu em Lisboa e no Porto. Sempre que José Garcês precisou de fazer um TRAg, fosse para visitar os netos, viajar, ir a um restaurante ou hotel ou realizar exames no hospital, escolheu a Farmácia Silva. Só se dirigiu aos laboratórios quando era exigido um teste PCR. «A Farmácia Silva é a mais próxima e é onde confio que vai correr bem, conheço o seu trabalho desde que existe em Vilamoura», resume.

Localização, conveniência e confiança são também os motivos que levaram Danielle Brooks a preferir a Farmácia Silva para fazer o TRAg, na véspera da viagem à Irlanda com amigos. A australiana, que reside em Vilamoura desde 1991 e adora o clima e o mar, ficou satisfeita. Como explica num português perfeitamente perceptível, apesar do sotaque: «Foi muito fácil, não doeu nada e a funcionária foi muito simpática, estou muito contente».



Vilamoura é uma das áreas do Algarve com mais turistas. A Farmácia Silva realizou muitos testes à COVID-19 a estrangeiros

TRÊS PESSOAS DA EQUIPA RECEBERAM FORMAÇÃO. NO ARRANQUE, ULTRAPASSAR O MEDO FOI UM DESAFIO

CONTRATO PARA CONTROLAR HIPERTENSÃO

INGLATERRA

Mais de sete mil farmácias inglesas aderiram ao programa de monitorização desde a contratualização, em outubro.

TEXTO: SÓNIA BALASTEIRO

Salvar, pelo menos, duas mil vidas nos próximos cinco anos. É este o objetivo do Serviço Nacional de Saúde inglês (NHS), ao proporcionar a cidadãos com 40 ou mais anos de idade a realização de um *check-up* arterial numa das quatro mil farmácias comunitárias do país, passando, em caso de alarme, a usufruir de monitorização durante 24 horas, sem qualquer custo associado. Através do projeto, em curso desde outubro passado, o organismo estima conseguir prevenir 3.700 acidentes vasculares cerebrais e 2.500 enfartes agudos do miocárdio.

A hipertensão é o principal fator de risco das doenças cardiovasculares, um dos maiores problemas de Saúde Pública daquele país. Anualmente, são responsáveis por 136 mil mortes, representando ainda um encargo financeiro de nove mil milhões de libras por ano, o equivalente a mais de dez mil milhões de euros.

A contratualização do serviço decorre do sucesso alcançado num projeto-piloto iniciado em novembro de 2020. Em plena crise pandémica, os restantes serviços de saúde lidavam com fortes restrições devido à

COVID-19, comprometendo o nível de resposta à população. As autoridades de saúde fizeram então um estudo, envolvendo 35 farmácias, para aferir a entrega do rastreio da hipertensão ao setor. Em face dos resultados, o programa foi estendido a nível nacional, prevendo a medição da tensão arterial de pessoas com idade superior a 40 anos e a disponibilização da monitorização por 24 horas, no caso de valores elevados, bem como posterior referência para o médico, sempre que justificável.

«A doença cardiovascular é uma das principais causas de desigualdades na Saúde», defende Shahed Ahmad, diretor clínico nacional para a Prevenção da Doença Cardiovascular, acrescentando que mais de metade dos enfartes agudos do miocárdio e acidentes vasculares cerebrais estão relacionados com pressão arterial elevada. «A deteção precoce é uma das melhores formas que temos de salvar vidas e reduzir desigualdades na saúde, e os farmacêuticos comunitários estão idealmente colocados para desenvolver este trabalho. Estou muito satisfeito por fazerem estas medições», congratulou-se.



FARMÁCIAS PORTUGUESAS FAZEM MAPA DA PRESSÃO ARTERIAL

Em Portugal, a generalidade das farmácias presta o serviço de medição da pressão arterial e, naquelas que têm uma Unidade de Apoio ao Hipertenso (UAH), as pessoas dispõem também da possibilidade de fazer uma avaliação ambulatória da pressão arterial de 48 horas (MAPA). O programa assenta na utilização de um aparelho medidor portátil, pouco maior do que um

telemóvel. A farmácia presta todo o apoio necessário antes do início da avaliação e fica responsável pela comunicação de resultados ao médico, evitando deslocações desnecessárias ao centro de saúde. Os custos, porém, ao contrário da realidade inglesa, são assumidos pelos cidadãos, uma vez que este não é um serviço contratualizado pelo Estado português com as farmácias.

MAIS VACINAS NAS FARMÁCIAS

As farmácias francesas podem vir a prescrever e administrar as vacinas não vivas que constam do plano oficial do país, já a partir de setembro.



Farmacêuticos comunitários foram responsáveis por 60% das imunizações contra a COVID-19

A Alta Autoridade de Saúde francesa (HAS, na sigla em francês) quer um maior envolvimento das farmácias no processo de vacinação dos cidadãos. O objetivo é conseguir aumentar a cobertura vacinal no país, especialmente junto das pessoas com idades acima dos 16 anos.

O Governo francês está a estudar a recomendação da HAS de possibilitar aos farmacêuticos a prescrição e administração de todas as vacinas inativadas incluídas no

EM FRANÇA, AS FARMÁCIAS VACINAM CONTRA A COVID-19 DESDE MARÇO DE 2021



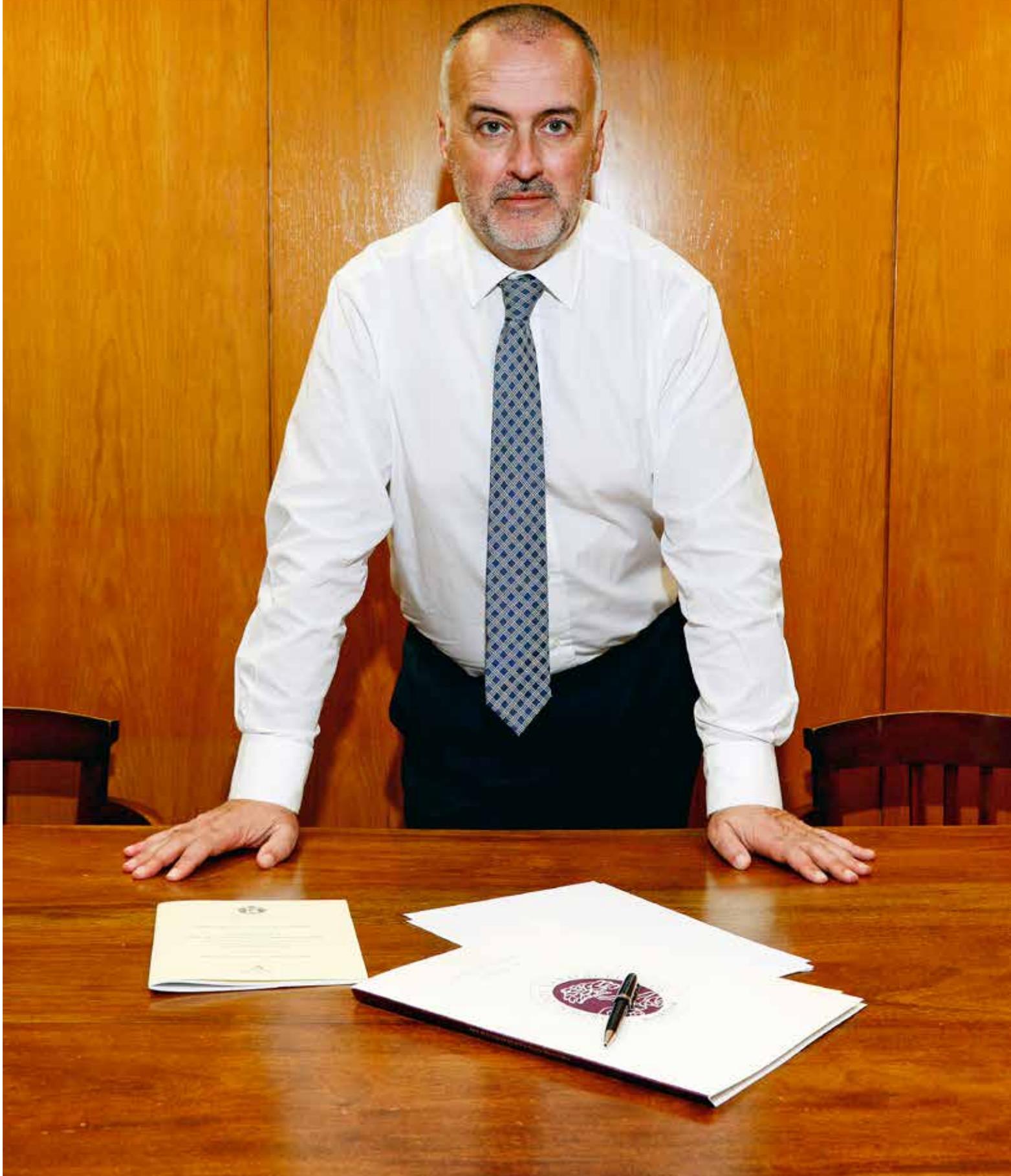
Campanha contra a gripe mostra mais-valia da integração das farmácias para atingir maior cobertura vacinal

programa de vacinação oficial, como as contra a difteria, o tétano, a tosse convulsa, a poliomielite ou a hepatite. A expectativa é de que a medida, após aprovação, possa ser implementada já em setembro.

A proposta da HAS, que encerra um grupo de regras e requisitos de formação a serem cumpridos, vem no seguimento dos bons resultados evidenciados pelas farmácias neste campo da imunização da população. O exemplo mais recente foi o alcançado no curso da pandemia, em que as farmácias francesas, tal como aconteceu com as congéneres do Luxemburgo, Reino Unido, Itália, Bélgica ou Grécia, foram chamadas a vacinar contra a COVID-19. O serviço, contratualizado e remunerado pelo Estado desde março de 2021, permitiu um alívio dos

outros operadores do sistema da Saúde e a canalização de esforços para áreas que, de outro modo, seriam deixadas a descoberto. Os números referentes ao mês de janeiro são ilustrativos: os farmacêuticos comunitários foram responsáveis por 60% das imunizações, seguindo-se os médicos, com 25%, e os enfermeiros, com 15%.

A campanha de vacinação contra a gripe 2020-2021 mostra igualmente a vantagem de utilizar a proximidade que as farmácias têm da população para atingir uma maior cobertura vacinal, tendo estas imunizado 3,67 milhões de franceses, logo a seguir aos médicos, que vacinaram 4,88 milhões de pessoas, e à frente dos enfermeiros, responsáveis pela administração de 2,15 milhões de vacinas.



HELDER MOTA FILIPE
BASTONÁRIO DA ORDEM
DOS FARMACÊUTICOS

«FARMACÊUTICOS PODEM ASSUMIR RENOVAÇÃO DO RECEITUÁRIO DE DOENTES CRÓNICOS»

«Que sentido faz os doentes crónicos terem de ir ao centro de saúde renovar receitas?». O bastonário faz a pergunta e dá a resposta: nenhum, porque os farmacêuticos podem assegurar a tarefa, em benefício dos utentes. Helder Mota Filipe sustenta que não há quaisquer obstáculos à gestão da terapêutica, mediante acesso a dados clínicos, com a devida autorização das pessoas.

ENTREVISTA: MARIA JORGE COSTA
FOTOGRAFIA: PEDRO LOUREIRO

REVISTA FARMÁCIA PORTUGUESA: Tem um mandato de três anos. Qual é o seu desafio?

HELDER MOTA FILIPE – É mais ou menos o mesmo de quando me candidatei, mas agudizado. Já perspetivava um mandato cheio de desafios, em resultado “das pandemias”, a de COVID-19 e a de doentes não COVID-19, e estamos, de facto, a assistir ao surgimento de um número enorme de pessoas em estádios já muito avançados das suas diferentes doenças, porque não tiveram nem o diagnóstico nem o tratamento adequado durante dois anos. É um efeito terrível da crise sanitária, do qual é urgente que consigamos recuperar. Mas a pandemia ainda se mantém! O SNS vai precisar de apoio e nós temos de nos preparar para o ajudar.

RFP: Acresce a guerra.

HMF: Que não sabemos quanto tempo vai durar ou quais as consequências. Sabemos, contudo, que os efeitos serão negativos. Está na altura de o Governo perceber as limitações de um SNS que antes da pandemia já tinha dificuldade em dar respostas, e apoiar-se na capacidade instalada, incluindo os setores privado e social. Os farmacêuticos fazem parte da solução. Há um conjunto de serviços que não estavam a ser desenvolvidos ou de que não se aproveitou todo o potencial, e agora urge serem reconhecidos.

RFP: De que serviços está a falar?

HMF: Um exemplo muito simples é a renovação da terapêutica ou de receituário de doentes crónicos. Que sentido faz as pessoas terem de ir sistematicamente ao centro de saúde apenas para pedir a renovação da receita? É uma sobrecarga para os médicos, sem qualquer valor adicional. Se o profissional que dispensa estes medicamentos puder renovar a terapêutica de doentes crónicos estáveis, resolve-se um problema aos próprios e aos cuidados de saúde primários do SNS. E mantém-se a qualidade da assistência, porque um profissional vê a pessoa, acompanha-a com regularidade, percebe se permanece estável ou se precisa de ser reencaminhada para consulta.

RFP: Em termos de valor económico em saúde, traz poupança?

HMF: Os farmacêuticos conseguem um melhor controlo e acompanhamento das pessoas: isso é um ganho em saúde. O sistema permite libertar médicos de medicina geral e familiar para outras atividades, outro

ganho em saúde. Qual é o problema? Acionar condições que não faz sentido não existirem no século XXI: capacidade de ligação, comunicação entre farmacêuticos comunitários e os outros profissionais de saúde, quer dos cuidados de saúde primários quer dos hospitais. Os farmacêuticos precisam de aceder aos dados relevantes de saúde das pessoas, mediante a sua prévia autorização, porque podem necessitar dessa informação para gerir a terapêutica resultante de diferentes consultas médicas, diferentes especialidades, antecipar interações, monitorizar efeitos adversos... Não há dificuldades técnicas. Hoje, os sistemas funcionam, há plataformas de integração que permitem essa comunicação.

RFP: Então falta o quê?

HMF: Vontade política.

«**T**EMOS DE FAZER
O NOSSO PAPEL,
NÃO É SÓ APRESENTAR PROPOSTAS
DE INTENÇÕES. TEMOS DE PASSAR
PARA O NÍVEL PRAGMÁTICO,
DOS GANHOS PARA CADA LADO»

RFP: Na tomada de posse, disse que se ia bater pela remuneração dos serviços farmacêuticos. O secretário de Estado Lacerda Sales ouviu, mas não se comprometeu. Está otimista ou vai ser só mais do mesmo?

HMF: Espero que não, sinceramente. Tive a honra de trabalhar com esta equipa em diferentes momentos e sei o empenho que tem relativamente ao desenvolvimento e ao interesse público nesta área da Saúde. Mas nós também temos de fazer o nosso papel, não é só apresentar propostas de intenções. Temos de passar para o nível pragmático, dos ganhos para cada lado. Vivemos no mundo real, onde tudo se traduz em euros, por isso é fundamental que nas propostas se clarifiquem os ganhos em saúde e quanto



«Os farmacêuticos são profissionais de saúde que conhecem as vacinas de trás para a frente»

representam em euros. O normal é que esses ganhos sejam distribuídos entre o prestador e o pagador. Ou seja, os serviços devem ser remunerados de acordo com o valor que geram. Nós temos vivido uma cultura de voluntarismo, de projetos-piloto em que prestamos serviços voluntariamente.

RFP: Fazer projetos-piloto é mau?

HMF: Não é um bom princípio. Nem para o Estado é bom. Não é bom para o sistema, não é bom para os prestadores do cuidado e não é bom para as pessoas, porque são processos provisórios que não são transformados em projetos nacionais. Veja-se o exemplo da dispensa da terapêutica anti-retrovírica para o VIH nas farmácias, há anos como piloto. As pessoas estão satisfeitas, mas só abrange a zona de Lisboa onde o piloto está implementado. E porque se mantém como piloto, dado que não foram discutidas as condições fora desse âmbito, não pode ser escalado a nível nacional. Uma vez caracterizadas as vantagens, é fundamental avançar no passo seguinte: logística, formas

de pagamento, responsabilidades dos diferentes atores. É isto que falta. O piloto foi desenhado para determinar os aspetos relacionados com a comodidade para a pessoa e a segurança do processo, respostas que há já muito tempo estão dadas: as pessoas sentem-se confortáveis e satisfeitas. Agora, são precisas decisões políticas: discutir a implementação definitiva e a nível nacional, e terminar o piloto.

RFP: Mas haver projetos-piloto faz sentido.

HMF: Os pilotos fazem sentido se terminarem logo que respondam às questões para as quais foram desenhados. Este, em concreto, já o fez há muitos anos. Já deveríamos ter sido consequentes com os resultados.

RFP: A pandemia trouxe avanços inesperados ao setor. A dispensa de medicamentos hospitalares e a campanha de testagem COVID-19, por exemplo, evidenciaram a capacidade das farmácias.

HMF: Houve um conjunto de soluções no pico da crise pandémica que nunca teriam sido implementadas

se não fosse a necessidade de resolver um problema concreto de forma aguda, nomeadamente a dispensa em proximidade de medicamentos de dispensa exclusiva hospitalar. É importante olhar para trás, perceber as lições aprendidas e não deixar esquecer. Continua a não se justificar que as pessoas estáveis tenham de ir todos os meses ao hospital onde são seguidas só para acederem aos medicamentos, sem nenhuma

intervenção excepcional. O mais que acontece, além das longas deslocações e faltas ao trabalho, é as pessoas terem um farmacêutico hospitalar a dispensar-lhe o medicamento, quando há um farmacêutico, com uma formação semelhante, que o pode fazer na farmácia comunitária perto de si. Liberta-se tempo aos farmacêuticos hospitalares, para se dedicarem a muitas outras coisas que têm de fazer no seu âmbito.



«Espero que os decisores políticos percebam que não podem desperdiçar a capacidade de vacinação [contra a COVID-19] instalada na rede de farmácias»

«CONTINUA A NÃO SE JUSTIFICAR QUE AS PESSOAS ESTÁVEIS TENHAM DE IR TODOS OS MESES AO HOSPITAL SÓ PARA ACEDEREM A MEDICAMENTOS»

RFP: Se é assim tão fácil...

HMF: Mais uma vez, o que é preciso é facilidade de comunicação entre os serviços hospitalares e as farmácias comunitárias, acesso a dados relevantes da pessoa para essa dispensa e capacidade de identificação de sinais de alerta, para haver um reencaiminhamento das pessoas para os cuidados hospitalares quando for necessário. Isto favorece o próprio SNS, retirando-lhe pressão, aumenta a qualidade de vida

das pessoas e promove a segurança na utilização do medicamento.

RFP: A sociedade percebeu a importância dos farmacêuticos comunitários?

HMF: Numa primeira fase da pandemia, houve uma desvalorização proativa do seu papel, afastando-os. Quando se percebeu que toda a ajuda era necessária, esse posicionamento foi rapidamente substituído pelo pedido de ajuda, quer aos farmacêuticos comunitários quer aos analistas clínicos, que também tiveram um papel importantíssimo na testagem. Se fôssemos só pela resposta do SNS, estaríamos muito longe de poder ter testado toda a gente. Outro ponto de que quase ninguém fala é não ter existido durante toda a pandemia uma crise relacionada com o acesso a medicamentos no ambulatório. Quando se falava que os profissionais estavam na linha da frente e apreciavam médicos e enfermeiros, foi muito esquecido que os farmacêuticos comunitários também lá estavam. Não fecharam as farmácias, mantiveram o acesso aos medicamentos, mesmo dos doentes que estavam em casa e das pessoas isoladas. Os farmacêuticos nunca saíram da linha da frente.

RFP: Mantém a convicção de que a vacinação contra a COVID-19 vai evoluir para as farmácias?

HMF: Não sei se é inevitável, por se tratar de uma decisão política. Espero que os decisores percebam que não podem desperdiçar a capacidade de vacinação instalada na rede de farmácias. Se fosse uma inovação, admito que pudesse haver dúvidas, mas temos a experiência da vacinação contra a gripe e conhecemos a vantagem de ter milhares de postos distribuídos pelo país. Se um local de prestação de cuidados de saúde tem capacidade para vacinar contra a gripe, tem exatamente a mesma propriedade para vacinar contra a COVID-19. Portugal orgulha-se da cobertura vacinal conseguida através do Programa Nacional de Vacinação (PNV), mas é importante perceber que a vacina contra a COVID-19 não pode pôr em causa o desempenho do PNV, nomeadamente a vacinação das crianças. Quando se desviam profissionais de um serviço para outro, estamos a tapar a cabeça e a destapar os pés.

RFP: O farmacêutico que vacina tem formação específica, está certificado para o fazer.

HMF: Os farmacêuticos são profissionais de saúde que conhecem as vacinas de trás para a frente,

PERFIL

Eleito bastonário da Ordem dos Farmacêuticos em fevereiro de 2022, Helder Dias Mota Filipe nasceu em 1965. Professor universitário, licenciado em Ciências Farmacêuticas, em 1990, pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, leciona desde então no estabelecimento de ensino. Foi presidente do Departamento de Socio-Farmácia da mesma Universidade e nela se doutorou em Farmacologia, em 1996. Três anos depois, concluiu um pós-doutoramento em Farmacologia e Inflamação no *The William Harvey Research Institute*, da Universidade Queen Mary (Londres). Fez o Programa de Alta Direção de Instituições de Saúde, da AESE Business School, em 2013.

Entre 2005 e 2015 foi vice-presidente do Infarmed, tendo assumido a presidência do Instituto de 2015 a 2016. É membro da Comissão de Ética para a Investigação Clínica e da Coordenação Nacional para a Estratégia do Medicamento e Produtos de Saúde, desde 2017.

Em representação dos associados investigadores, tem assento no Conselho de Administração e na Comissão Executiva do Instituto de Saúde Baseada na Evidência (ISBE).

Em 2020, foi eleito membro do Conselho Geral e de Supervisão da Associação Dignidade. Especialista em Assuntos Regulamentares, integrou o Conselho de Administração da Agência Europeia do Medicamento (2013-2016), o quadro de peritos e o Comité de Medicamentos de Uso Humano. Foi membro da Rede de Avaliação de Tecnologias em Saúde e do Comité Farmacêutico da Comissão Europeia. É autor de “O sistema europeu do medicamento”, obra editada em 2016, e de mais de uma centena de artigos em revistas científicas internacionais nas áreas da farmacologia, medicina experimental, utilização de medicamentos e ciência regulamentar.

Preside ao Conselho Nacional para a Cooperação, da Ordem dos Farmacêuticos, desde 2016, e foi presidente do Conselho de Administração da Associação de Farmacêuticos dos Países de Língua Portuguesa (AFPLP).

Perfil completo em: www.arquivofarmacias.pt



«O cliente final da Ordem não é o farmacêutico, é a pessoa.
Espero ter nas associações de doentes um aliado»



«**A** ORDEM E A PROFISSÃO
NECESSITAM
DAS NOVAS GERAÇÕES.
TEMOS DE NOS APROXIMAR
AINDA NA UNIVERSIDADE»

quer do ponto de vista do mecanismo de ação, quer dos efeitos adversos. Faz parte da sua formação. Relativamente à administração e gestão dos efeitos adversos agudos das vacinas, têm uma competência adicional, reconhecida pela OF. A população está tão protegida quando é vacinada numa farmácia como noutra local qualquer.

RFP: *Afirmou que vai promover a relação com associações de doentes. Em que é que isso pode fazer diferença concreta na vida das pessoas com doença?*

HMF: Tenho a perfeita noção de que uma Ordem, nomeadamente a OF, não serve para defender os interesses dos farmacêuticos a todo o custo. A OF serve para regular adequadamente a profissão, identificar as condições necessárias a que o profissional deve ter acesso, para desempenhar adequadamente a sua função e, assim, melhor servir a pessoa e a sociedade. Por isso foco tanto na pessoa, porque o cliente final da Ordem não é o farmacêutico, é a pessoa, é a sociedade. As associações de doentes são o barómetro. É fundamental percebermos os seus interesses, para respondermos adequadamente às necessidades das pessoas. Espero ter nas associações de doentes um aliado. A OF será um aliado dos interesses das pessoas, no objetivo de atingirem a possibilidade de lhes serem prestados os cuidados melhores e mais adequados.

RFP: *Também podem ser uma boa fonte de pressão para se chegar a medidas concretas.*

HMF: Acho que sim. Isso faz parte da própria gestão política.

RFP: *Há um desfasamento da profissão, sobretudo entre os jovens. Como prevê captar as novas gerações?*

HMF: De facto, os jovens farmacêuticos têm um sentimento de afastamento da Ordem, sentem que não responde aos seus anseios e expectativas, que



Helder Mota Filipe acredita que a diferenciação por especialidades e competências vai atrair os jovens para as farmácias comunitárias

serve apenas para cobrar quotas. Muitos jovens, como exercem atividades que formalmente não o exigem, não se inscrevem na Ordem, e isso não é um bom sinal. A OF e a profissão necessitam das novas gerações. Temos de nos aproximar delas o mais precocemente possível, ainda na Universidade. Há uma figura pouco utilizada, a do membro estudante, que nos permite fazê-lo, possibilitando aos alunos do 4.º e 5.º anos inscreverem-se e entrarem na vida da Ordem. Por outro lado, vamos criar o Conselho da Juventude da OF, muito no figurino do *Health Parliament*, com representantes das diferentes áreas da profissão e de onde surjam propostas a apresentar à Direção Nacional. Deste modo, a mudança é feita dentro da Ordem, ao contrário de ser fora dela, virando-se, muitas vezes, contra ela.

RFP: A Farmácia Comunitária é menos atrativa do que outras áreas?

HMF: Eu diria que tem de se tornar mais atrativa como carreira. Por isso não podemos perder esta oportunidade, em que o SNS vai precisar que as farmácias prestem novos serviços. É um bom pretexto para a OF desenvolver a carreira, a necessidade de

criação de novas competências formais e a diferenciação por especialidade.

RFP: Farmacêuticos especializados?

HMF: É aproveitar esta oportunidade, de dentro de uma mesma farmácia poder haver colegas com competências e graus de diferenciação distintos. A especialização vai permitir, igualmente, a diferenciação entre farmácias, de acordo com os serviços que podem prestar, potenciando uma nova dinâmica de funcionamento na Farmácia Comunitária. Penso que é uma forma bastante interessante e positiva, pelos resultados que cria, de atrair os farmacêuticos comunitários novamente.

RFP: Está otimista?

HMF: Estou. Eu sou um otimista realista, isto é, tenho noção da realidade, tenho noção das dificuldades, mas também tenho noção das oportunidades. Acho que vamos viver um período difícil. Os três anos de mandato vão ser complicados do ponto de vista social e económico. Mas são tempos desafiantes para uma classe profissional muito jovem, com muita energia acumulada, num país envelhecido.

FARMACÊUTICOS SOLIDÁRIOS

RFP: Os farmacêuticos não passaram ao lado da solidariedade com o povo da Ucrânia. Quer explicar o que a Ordem tem feito?

HMF: Organizámos uma rede com todos os operadores da área do medicamento – as associações de farmácias, os distribuidores, a Apifarma, a Apomed, a Apogen, o Sindicato dos Farmacêuticos e a Dignidade –, no sentido de nos prepararmos para responder às necessidades que nos forem identificadas pelas autoridades oficiais, Infarmed e DGS.

RFP: Ainda não está em funcionamento...

HMF: Está, não está é a aceitar ainda doações de medicamentos. Queremos ter a certeza de que ajudamos com o que é necessário, e que a ajuda chega onde é verdadeiramente precisa. Quem garante isso em Portugal são estas autoridades, em ligação com a Proteção Civil Europeia. É a forma adequada. A lista inicial identificada por este processo incluía medicamentos hospitalares, necessários no teatro de guerra em grandes cirurgias e cuidados intensivos. Foi essa a prioridade e houve uma resposta enorme por parte da indústria farmacêutica em Portugal.

RFP: Enviaram?

HMF: Estão a ser enviados, sim. Entretanto há uma lista de medicamentos de ambulatório, identificada por este grupo, que está em processo de validação entre o Infarmed e as organizações europeias. Trata-se de um cuidado necessário, porque, para garantirmos a qualidade, os medicamentos não podem sair do seu circuito. Montámos, por isso, um sistema de logística inversa: as pessoas, através da tal lista que será disponibilizada, poderão escolher e doar os medicamentos na farmácia. Estes serão recolhidos pelos distribuidores, que os entregarão no armazém centralizado do Ministério da Saúde, que se encarregará de os enviar.

RFP: Tem noção de que há já muitos medicamentos enviados pelos portugueses?

HMF: Há um voluntarismo compreensível, e por isso é importante que esta informação passe. Há, por parte da população, a noção de que o medicamento tem as mesmas regras do que os outros produtos de consumo geral, incluindo alimentos. E não tem. Ao enviar

medicamentos fora do circuito, apesar da boa-vontade, cria-se um problema nas zonas próximas do conflito, porque estamos a sobrecarregar as autoridades com produtos que não podem ser utilizados. O melhor é usar os circuitos organizados.

RFP: Está a alertar para a segurança do medicamento e para a possibilidade de não ser usado... Não é possível usar medicamentos enviados?

HMF: Eu sei que é difícil de compreender quando as pessoas querem verdadeiramente ajudar – e eu também quero, queremos todos –, mas temos de ter algum racionalismo, para que ajudemos a ajudar, digamos assim. O que eu peço é se que perceba que não estamos parados.

RFP: Os donativos incluem medicamentos sujeitos a receita médica?

HMF: Sim, porque não saem do circuito. A receita médica é precisa quando o medicamento sai do circuito para determinada pessoa, titular dessa prescrição. Aqui falamos de medicamentos que se mantêm no circuito. Ser sujeito, ou não, a receita médica, não é relevante. Espero que rapidamente possamos ter uma lista, mesmo que seja mais curta, mas, neste momento, a prioridade não é ter mais medicamentos nas fronteiras, e sim a abertura de corredores para que possam chegar aos locais.

RFP: A OF abriu a possibilidade de farmacêuticos ucranianos trabalharem em Portugal.

HMF: Exatamente. Fomos contactados pelo Ministério da Saúde relativamente à possibilidade de apoiarmos farmacêuticos que escolham Portugal como país de acolhimento, e facilitaremos o mais possível a integração desses colegas. Dentro das nossas atribuições, demos um primeiro passo de preparação para atividades que não necessitem do domínio da língua portuguesa, e os colegas ucranianos podem começar a exercer imediatamente nessas funções. Nas que exigem prestação de cuidados e contacto com o público, a nossa decisão foi condicioná-las a um desempenho tutelado por um colega que domine a língua portuguesa, até que haja condições para um exercício autónomo.

ESPAÇO SAÚDE 360° ALGARVE

LITERACIA EM SAÚDE PARA IDOSOS

REPORTAGEM:
SANDRA COSTA

FOTOGRAFIA:
PEDRO LOUREIRO

*Projeto abrange 640 idosos vulneráveis,
de cinco concelhos algarvios.*



Margarida Espírito Santo (segunda a contar da esquerda) é docente na Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve, parceira do projeto. Foi dela a ideia de sistematizar o apoio de revisão terapêutica prestado pelas farmácias

Na Farmácia Penha, mesmo junto ao hospital de Faro, Margarida Querido recebe os utentes Rosa e Alfredo da Palma Anastácio. O casal de 74 e 77 anos, respetivamente, vem receber apoio sobre a medicação que toma habitualmente. Ambos são polimedicados na sequência de vários problemas de saúde: Alfredo usa um *pacemaker*, é hipertenso e tem diabetes; Rosa, além de hipertensa, sofre de osteoporose. A farmacêutica-adjunta encaminha-os para o gabinete, pede para retirarem as embalagens do saco de plástico,

O SERVIÇO DE REVISÃO TERAPÊUTICA DO ESPAÇO SAÚDE 360° ALGARVE ENVOLVE 14 FARMÁCIAS DE QUATRO CONCELHOS



A farmacêutica Margarida Querido recebe os utentes Rosa e Alfredo da Palma Anastácio para a sessão de revisão terapêutica

verifica prazos de validade, pergunta onde costumam guardá-los, se têm algum tipo de dificuldade na toma e manuseamento. Terminada a conversa, Alfredo faz um balanço positivo: «Chamam-nos a atenção sobre como devemos tomar os medicamentos, se houver falhas são corrigidas. É vantajoso, aprendemos sempre qualquer coisa».

A revisão terapêutica é o mais recente serviço do Espaço Saúde 360° Algarve, que tem por missão promover a literacia em saúde nos idosos vulneráveis da região algarvia.

O projeto, promovido pela Plataforma Saúde em Diálogo e financiado pelo Programa Operacional Regional do Algarve (CRESC Algarve) e pela Portugal Inovação Social, foi distinguido com o terceiro lugar do Prémio de Boas Práticas 2022 Algarve *Active Ageing*, na categoria Coesão e Participação Social. A nova atividade, chamada “Eu conheço os meus medicamentos”, arrancou em fevereiro com o apoio de 14 farmácias de Loulé, Tavira, São Brás de Alportel e Faro. Já abrange 60 dos 640 utentes do projeto

MAIS DE 40 PARCEIROS LOCAIS COLABORAM NAS ATIVIDADES DO PROJETO

e o objetivo é estendê-la a mais idosos polimedicados. «No início, os beneficiários estranharam, agora já estão a aderir», explica Ricardo Valente. Para o gestor da iniciativa, «o novo serviço é um contributo muito válido e uma forma interessante de as farmácias se envolverem em projetos sociais».

A ideia nasceu da farmacêutica Margarida Espírito Santo, docente na Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve, parceira do programa. Margarida considerou interessante sistematizar um apoio que muitas farmácias já dão, de forma informal, aos utentes, criando evidência do valor deste serviço. «Pessoas que tomam muita medi-

cação têm um risco maior de sofrer de problemas associados a má utilização e as farmácias podem ter um importante papel no aconselhamento e identificação de necessidades de intervenção médica ou não farmacológica», defende a professora.

Ricardo Valente, psicólogo da educação, e Débora Silva, técnica de psicologia, asseguram atendimentos psicossociais e apoiam os utentes na marcação de consultas e exames, ajudando-os a «navegar no sistema de Saúde, um dos objetivos do projeto», diz Ricardo Valente. A equipa também organiza sessões e workshops de nutrição, atividade física e aulas de ioga adaptadas e, todos os meses, decorrem “Sessões de Saúde em Dia”, abertas a toda a comunidade. Estas atividades de promoção da literacia em saúde são desenvolvidas em colaboração com parceiros locais, essenciais à operacionalização do projeto.

São já 46 os parceiros, desde entidades como o Centro Hospitalar Universitário do Algarve, o Agrupamento de Centros de Saúde do Algarve e a Universidade do Algarve, até câmaras municipais, juntas de freguesia e Instituições Particulares de Solidariedade Social na área social e da saúde. A cooperação estende-se aos municípios de Faro, São Brás de Alportel, Loulé, Tavira e, desde o início de março, a Silves. O próximo passo é alargar a Alcoutim e Castro Marim,



Espaço Saúde em Diálogo – Faro, da Plataforma Saúde em Diálogo, sede do projeto Espaço Saúde 360° Algarve



O vereador Carlos Baía reúne com a equipa do projeto, Ricardo Valente e Débora Silva. O município de Faro é um parceiro antigo

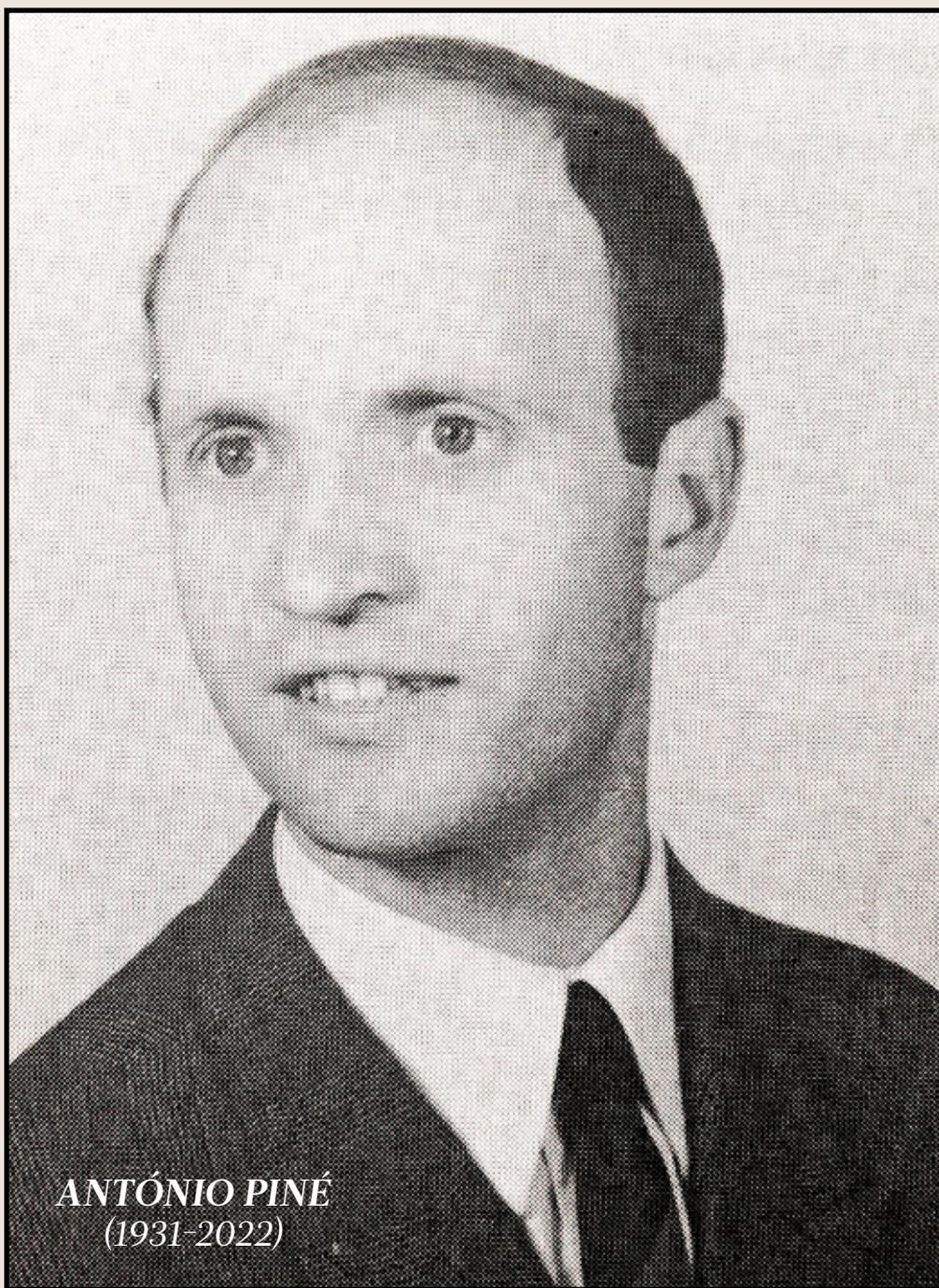
os primeiros contactos já foram feitos. «Trabalhamos para otimizar as parcerias existentes e expandir o projeto a novas zonas geográficas, para alcançarmos mais utentes: 500 é o compromisso que assumimos com a Portugal Inovação social, queremos alcançar 700», explica Ricardo Valente.

O vereador Carlos Baía chega à loja soalheira onde funciona o Espaço Saúde em Diálogo – Faro, para uma reunião com Ricardo e Débora. É aqui a sede do Espaço Saúde 360° Algarve, que nasceu na capital algarvia em setembro de 2020 e tem a maioria dos utentes no concelho. O vereador responsável pelo pelouro da Ação Social conhece bem a equipa. O município é um dos principais parceiros do projeto e a relação com a Plataforma Saúde em Diálogo vem desde 2009. «Quando nos convidaram para aderirmos a esta iniciativa, que assenta muito na literacia em saúde, dissemos imediatamente que estávamos disponíveis», assegura.

O apoio em literacia em saúde complementa as respostas do município para a população idosa, como o Gabinete

de Apoio ao Idoso. Outra vantagem é que, ao trabalhar diretamente com os mais velhos do concelho, a equipa identifica e encaminha utentes para as respostas camarárias. «São parceiros que nos permitem uma capilaridade para chegar a mais pessoas», diz o vereador. «Estamos satisfeitos e queremos manter esta parceria».

«**A**S FARMÁCIAS PODEM TER UM IMPORTANTE PAPEL NO ACONSELHAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES DE INTERVENÇÃO MÉDICA OU NÃO FARMACOLÓGICA»



ANTÓNIO PINÉ
(1931-2022)

ARTE BENEMÉRITA

TEXTO: PAULO MARTINS

Certo dia, entrou numa galeria do Porto, decidido a comprar um quadro de Vieira da Silva. O funcionário olhou-o de soslaio. Deve ter pensado que o cliente era um “zé-ninguém”, pelo que «ligou ao patrão a dizer que estava ali um patrasana». António Piné não saiu sem a cobiçada obra. «Gastei muito dinheiro, mas não digo quanto», afirmou, em jeito de epílogo à estória que contou em abril de 2008, quando decidiu doar à Associação Nacional das Farmácias a sua coleção privada de arte moderna e contemporânea, de 140 obras, na época avaliada em três milhões de euros.

António Piné, falecido em janeiro passado, era um indefetível da ANF desde a primeira hora. Percebia-se que o ajudante-técnico de farmácia encarava o vasto espólio, reunido desde 1974, como um passaporte para o reconhecimento social. Por isso conservava na sua casa, na Guarda, onde era proprietário da Farmácia Moderna, obras de Picasso, Vieira da Silva, Miró, Dalí, Arpad Szènes, Júlio Pomar, Paula Rego, Cargaleiro, Cruzeiro Seixas, Julião Sarmento e Rui Chafes, entre outros.

Feliz com o destino da sua coleção – «Sei que está nas mãos de quem a merece e de quem a saberá cuidar da me-

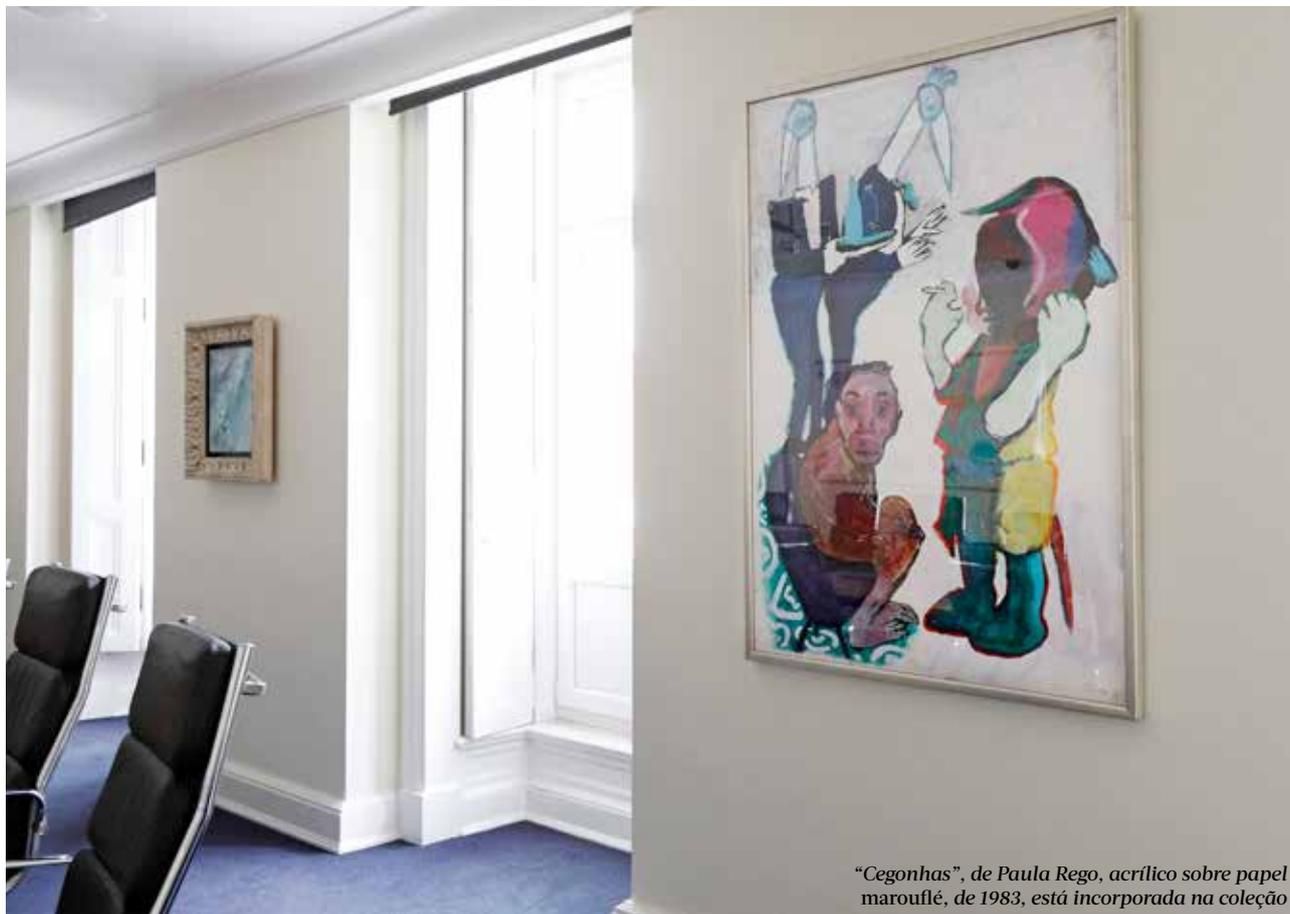


As obras doadas por António Piné estão hoje dispersas entre a sede nacional da ANF, em Lisboa, e as delegações

ERA DESDE A PRIMEIRA HORA UM INDEFETÍVEL DA ANF, QUE REPRESENTOU ENQUANTO DELEGADO

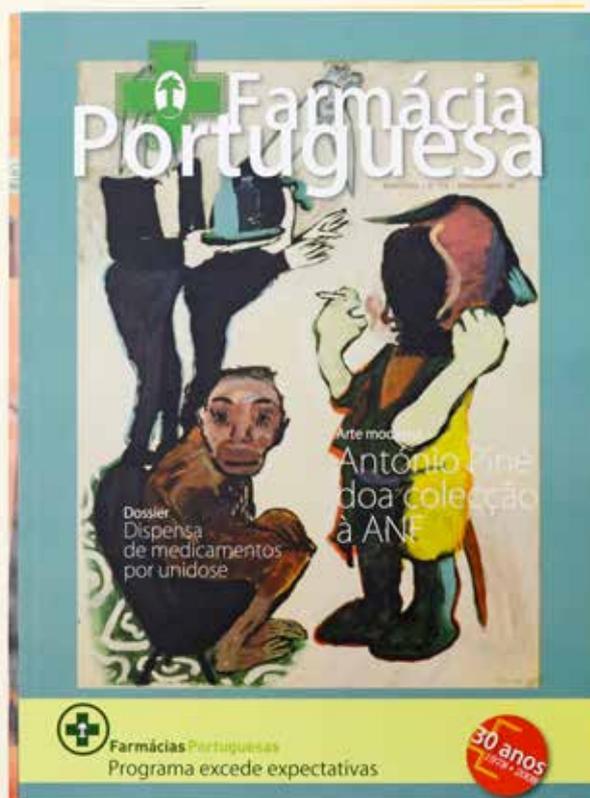
lhor forma», disse na ocasião ao jornal Público – admitiu que não se tratou da primeira opção. Batera à porta do município de Pinhel, cidade que o viu nascer em 1931, mas desistiu ao fim de 12 anos, frustrado pela falta de resposta à medida das suas ambições. A Câmara da Guarda também não emitiu qualquer sinal de interesse no acolhimento do acervo.

Piné conhecia há muito as lides do universo farmacêutico. Logo em 1974, estava a ANF a dar os primeiros passos,



“Cegonhas”, de Paula Rego, acrílico sobre papel marouflé, de 1983, está incorporada na coleção

A ASSOCIAÇÃO
DECIDIU DISTINGUIR
O AJUDANTE-TÉCNICO
DE FARMÁCIA COM A
IMPOSIÇÃO DE INSÍGNIAS



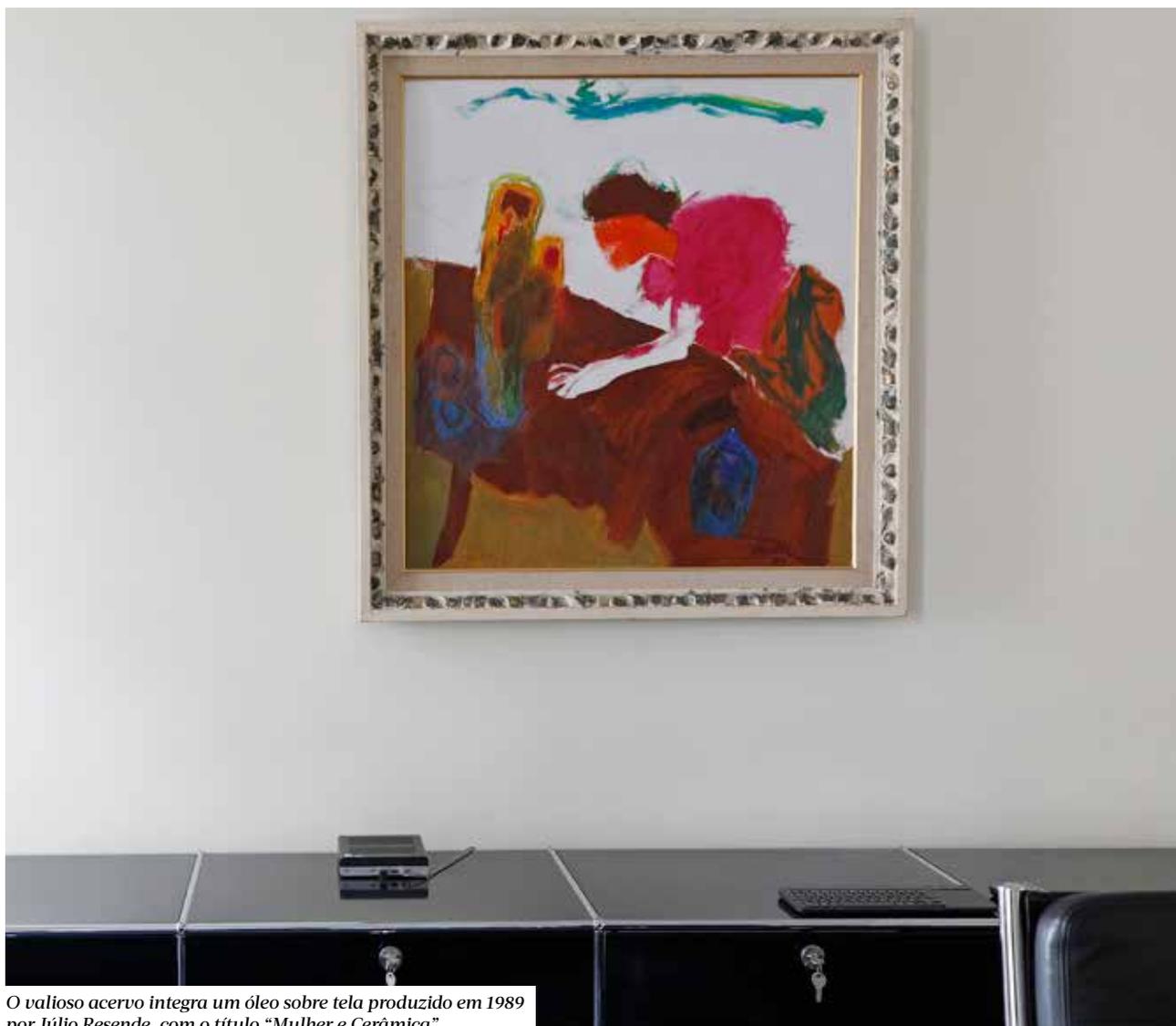
Pela sua relevância, a doação das peças mereceu, na ocasião, o destaque de capa na revista Farmácia Portuguesa

como herdeira do Grémio Nacional das Farmácias, aceitou a missão de delegado distrital da Guarda, que assumiria até 1983. Após três anos como delegado de zona, voltaria às funções originais na estrutura associativa entre 1992 e 1994. Pelo meio, desempenhou (1986-1992) o cargo de 2.º secretário da Mesa da Assembleia-Geral. Sentia a Associação como sua casa. «Pelo respeito e consideração que a ANF sempre teve por mim, este é o destino natural desta coleção», disse na cerimónia que oficializou a doação.

A Associação, que distinguiu o ajudante-técnico de farmácia com a imposição de insígnias, confiou a coleção ao Museu da Farmácia e promoveu de imediato uma exposição. Hoje dispersas entre a sede nacional, em Lisboa, e as delegações do Centro e do Norte, as obras passaram pela Guarda, em 2014, e pelo Palácio Nacional de Mafra dois anos depois. Pontualmente, algumas foram emprestadas a museus, como o do Chiado, em Lisboa.

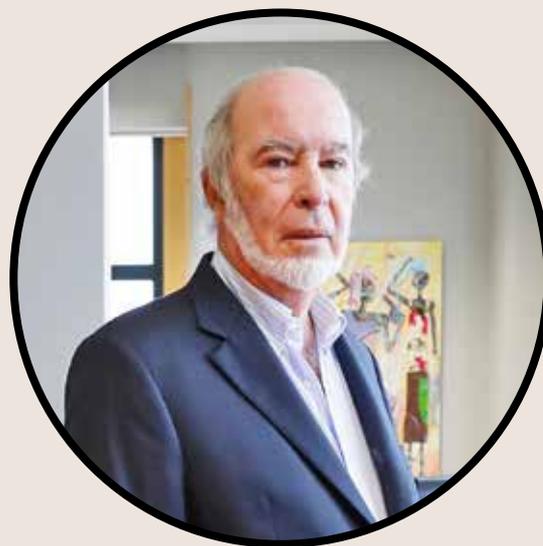
À distância, o diretor do Museu de Farmácia afirma-se convicto de que Piné «quis mostrar que estava para além da farmácia». A escolha da ANF representou, lembra João Neto, «uma solução de recurso», porque as suas exigências – «uma coleção, uma casa, um nome» – não foram satisfeitas pelas duas autarquias beirãs. Estava em causa preservar a integridade da coleção, mas também a intenção de perpetuar o nome do homem que passou boa parte da vida a enriquecê-la.

«**É** O DESTINO NATURAL DESTA COLEÇÃO», DISSE NA CERIMÓNIA QUE OFICIALIZOU A ENTREGA



O valioso acervo integra um óleo sobre tela produzido em 1989 por Júlio Resende, com o título “Mulher e Cerâmica”

A HUMILDADE AO SERVIÇO DA FARMÁCIA



TEXTO: JOÃO CORDEIRO

António Piné foi um dos associados que mais me marcou, enquanto presidente da Direção da ANF. Conheci-o há muitos anos em reuniões do setor. Era um associado interventivo, solidário, sempre preocupado com as farmácias do interior e sempre disponível para colaborar na vida associativa. Apesar da sua frágil aparência, era uma pessoa com força de carácter e com uma energia incomensurável, que impressionavam os seus pares. Foi pelo seu mérito, pela confiança rapidamente granjeada entre as farmácias, que foi eleito para delegado da ANF no distrito da Guarda. A sua disponibilidade para SERVIR o interesse coletivo foi sempre total.

Nas relações pessoais, era um cavalheiro e um amigo, disponível para dar e não para pedir. Vinha aos conselhos nacionais trazendo consigo alguns dos produtos mais famosos da Serra da Estrela, que oferecia com um misto de amizade e orgulho da sua terra.

O Sr. Piné era um homem bom e desprendido dos bens materiais.

Foi o responsável pelo momento mais alto, em que mais orgulho senti em toda a minha vida associativa. Numa das idas à Guarda, cumpri a promessa há muito feita de ir almoçar a sua casa. Não vou falar da excelência da refeição, preparada pela sua irmã com todo o carinho e amizade. Quero falar-vos do que se passou em seguida.

No final do banquete, o Sr. Piné convidou-me para ver a casa e aí a minha estupefação foi total. Além de quadros

expostos nas diferentes divisões, saíram dezenas e dezenas de quadros de autores consagrados de todo o lado, desde armários, gavetas, malas, etc... Foi uma inesperada e peculiar visita guiada pela valiosíssima coleção de arte do meu anfitrião, reveladora da sua personalidade, dos seus gostos e da amizade pelo seu convidado, a quem dava a conhecer desprentiosamente e com prazer esta face da sua vida privada.

«**O** SR. PINÉ ERA
UM HOMEM DESPRENDIDO
DOS BENS MATERIAIS»

Fiquei surpreendido pela dimensão e qualidade da coleção de arte que o Sr. Piné guardava em casa, sem grande preocupação de segurança com aquele valioso património cultural. Quando ousei dizer-lhe para montar um sistema de segurança, respondeu-me que ali toda a gente o conhecia, que só tinha amigos e pessoas boas na vizinhança.

Passados muitos anos, já o Sr. António Piné tinha vendido a farmácia, recebo um telefonema seu, pedindo para falar comigo com urgência. Confesso que fiquei preocupado com

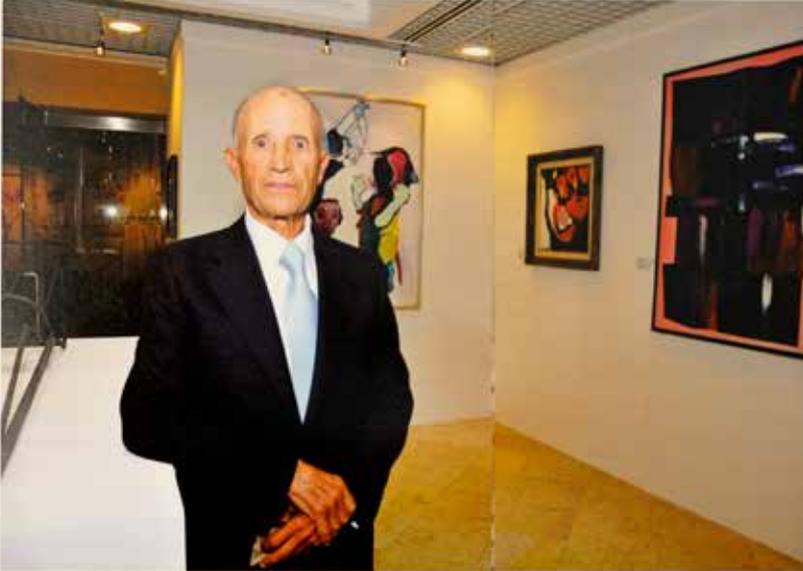
o seu tom de voz e comecei a preparar-me para uma má notícia relativamente à sua saúde. Felizmente, enganei-me.

A reunião foi muito curta, mas notei logo no Sr. Piné uma enorme ansiedade. Nessa reunião, que mantenho em memória, pediu-me que aceitasse, em nome da ANF, a doação da sua coleção de arte. E as razões eram claras: foi na ANF que viveu feliz a servir as farmácias, sentia que a ANF era a sua casa, a sua Família, e era a ANF a única entidade em quem tinha confiança para preservar e valorizar a sua coleção de arte.

Fiquei sem palavras. Garanto-vos que foi o momento mais alto da minha vivência associativa. Com a nobreza daquele gesto, senti-me compensado pelos anos em que assumi responsabilidades associativas no setor das farmácias.

Aceitei naturalmente a doação, que correspondia a um ato de enorme generosidade do doador, revelador também da grande ligação que sentia à Associação que ajudou a criar e a desenvolver. Senti igualmente, nesse momento, que tinha aliviado o Sr. Piné do peso bem pesado relativo

Foi o culminar de uma relação de muitos anos com a ANF – António Piné doou a sua valiosa coleção de arte moderna e contemporânea à associação com a convicção de que “está bem entregue”. Uma convicção alicerçada na confiança em João Neto, o director do Museu da Farmácia, e em João Cordeiro, o presidente da direcção, “um homem de muita garra”



de artes do Gul espalhadas pelas notícias sófrego aconteceu sa nosso país”. Ao Guibenkian e d Homens de de se classifica. An cou pelo interes o 25 de Abril, a edificação de v em que figuram prestígio inter dos nomes foi Chamou a ate da farmácia: C do Porto. Um r memória com: “Entre na galeri O funcionário re caro, muito ca meu aspecto si não estava ao m va: “Ete telefone disse para avan pagamento. Eu nheiro todo di

António Piné doa colecção de arte à ANF

“Está bem entregue!”

E em dia de inauguração que António Piné evoca os primeiros passos no mundo da farmácia de oficina. Dados aos 14 anos, em Pinhel, a cidade do distrito da Guarda que o viu nascer. Tempos difíceis aqueles, em que escassas eram as oportunidades para quem tinha avidez por aprender as artes de manipulação de medicamentos.

Central. Também em Pinhel, depois de uma passagem por outras paragens. Custou-lhe “40 contos, pedidos emprestados”. Já então revelava a sensibilidade e o interesse que haveriam de conduzir a uma colecção de arte com mais

«Aceitei a doação, que correspondia a um ato de enorme generosidade do doador», escreve o ex-presidente da ANF

«**UMA PESSOA HUMILDE, SOLIDÁRIA, AMIGA, SEMPRE PREOCUPADO EM NÃO INCOMODAR E COM ENORME DIMENSÃO HUMANA**»

ao futuro da sua coleção de arte, que seguramente tinha constituído com muito carinho e dedicação ao longo da vida. Aves de rapina à sua volta não faltavam...

Foi este o Sr. António Piné que conheci: uma pessoa humilde, solidária, amiga, sempre preocupado em não incomodar e com enorme dimensão humana. Guardo dele saudosos memórias. E, como única testemunha do momento em que transmitiu a sua vontade de doar à ANF a coleção de arte, entendi que era meu dever deixar na revista Farmácia Portuguesa o meu testemunho deste associado que muito deu à Farmácia e à sua Associação.

NA CURVA DA HISTÓRIA

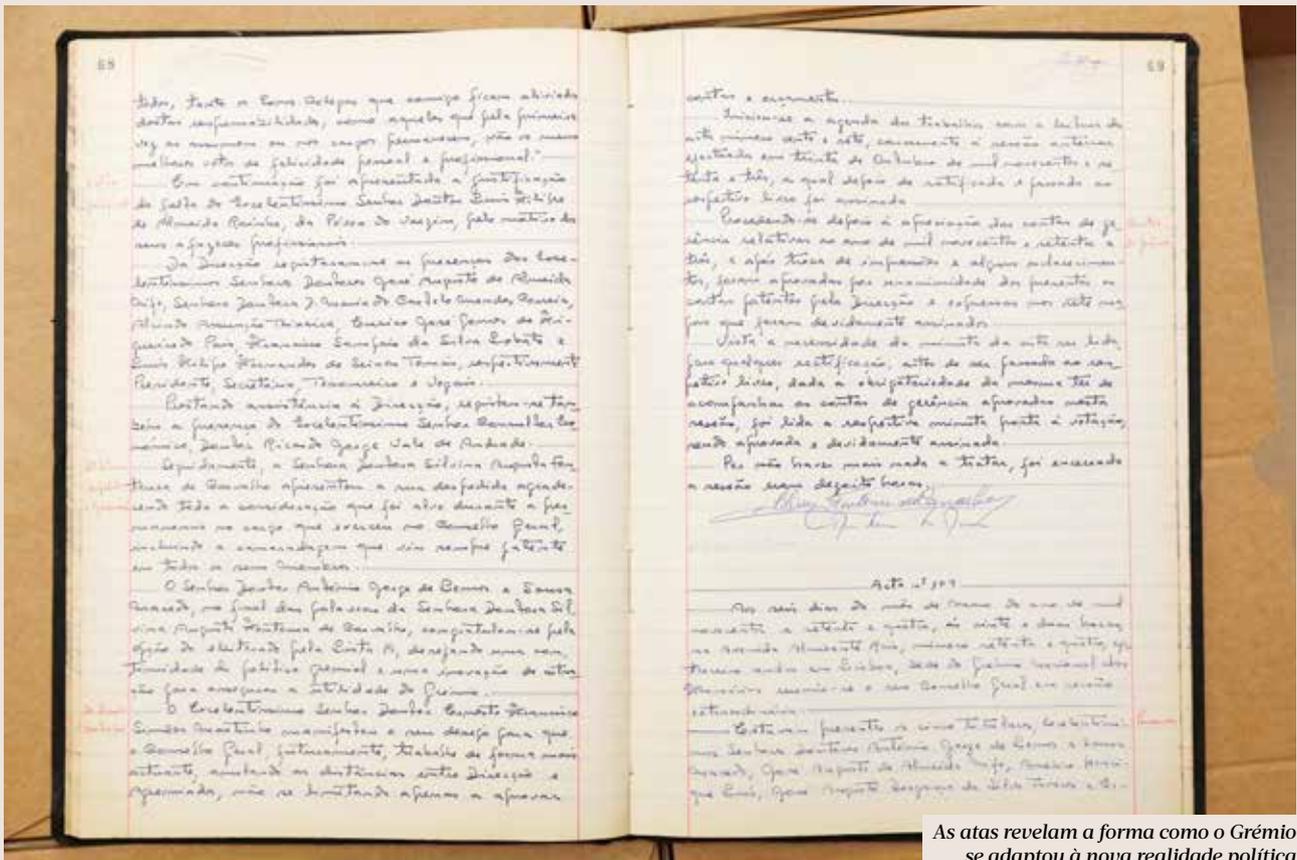


A Dr^a. Maria do Castelo Mendes Correia proferindo o seu caloroso discurso.

Ambas as listas apresentaram programas e os interessados tiveram ocasião de os apreciar e escolher as maiores garantias.

«**T**êm-me acusado de ser demasiado dura (...) Não deixarei, por essa acusação, de me bater com toda a força de que sou capaz pelo ideal que foi a minha entrada na Direção do Grémio: unir e prestigiar». A 8 de abril de 1974, ao tomar posse como presidente do organismo que então representava os proprietários de farmácia, Maria do Castelo Mendes Correia projetava um mandato de três anos. Volvidos apenas 17 dias, um golpe militar derrubou o regime, frustrando as suas expetativas.

É MPOSSADA POUCO ANTES DO 25 DE ABRIL, MARIA DO CASTELO AINDA PARTICIPOU NA TRANSIÇÃO DO GRÉMIO PARA A ANF



As atas revelam a forma como o Grémio se adaptou à nova realidade política

Da fama de durona, tiraria proveito, a avaliar pelos testemunhos de quem a conheceu. Após seis anos na Direção, tornou-se a primeira mulher a liderar o Grémio Nacional das Farmácias (GNF). Prometia pulso de ferro, mas foi traída pelas curvas da história. Ainda a aquecer o lugar, viu-se obrigada a travar uma batalha em duas frentes: adaptar-se à mudança de agulha política e travar os ímpetus do grupo de associados que acabara de bater nas urnas. Não se saiu mal em nenhuma delas. O seu nome seria mesmo inscrito nos anais, por participar na transição para a ANF.

O programa de Maria do Castelo não era conservador, nem progressista. Incorporava velhas propostas do Grémio: combate ao fornecimento exclusivo e à concessão de

descontos, atividades que introduziam grãos na máquina concorrencial, praticadas, inclusive, por associados; aumento da margem de comercialização de medicamentos, num país que reservava à farmácia a mais baixa percentagem de lucro da Europa, apenas 13%. Mas também propunha uma revisão estatutária, que na ótica do novo presidente da Assembleia-Geral (AG), António Jorge Macedo, conduziria à criação de um centro de estudos – «de livre pensamento», assim o caracterizava em vésperas do 25 de Abril – para debater o futuro do setor.

O exercício de democraticidade interna, então raro, proporcionou uma votação sem precedentes – a lista eleita, que entre outros integrava Eurico Pais, arrecadou

● O GRUPO DE CASCAIS APROVEITOU A JANELA DE OPORTUNIDADE PARA VIRAR A PÁGINA

501 votos, contra 109 da adversária. Contudo, causou feridas que tardaram a sarar. Os vencidos contestaram os resultados e levaram troco. Em editorial no Boletim Informativo da entidade, datado de abril de 1974, foram acusados de desenvolver «uma pernicioso atividade para a classe».

O GNF revelou-se mais rápido a perceber que teria de acertar o passo com o novo poder do que algumas instituições do regime deposto, como a Secretaria-Geral das Comissões Corporativas de Lisboa, que o convocou para uma reunião, quando o pano já tinha caído. O grémio farmacêutico, de facto, logo se esforçou por cair nas boas graças da Junta de Salvação Nacional: a 30 de abril, aprovou o envio de um ofício ao general Spínola, manifestando-lhe «incondicional apoio e colaboração». Três dias depois, invocou a «data histórica» para amnistiar todos os processos disciplinares.

Assim se compreende que a cooperação com a Junta inspire a moção aprovada a 6 de maio pelo Conselho Geral, instando a Direção a apresentar-lhe as reivindicações da classe (sim, a expressão já entra no léxico). Da reunião em que pela primeira vez no seio do Grémio é referida a constituição de uma «associação livre», sai uma comissão encarregada de desencadear o processo. Em menos de um fósforo, a Direção suspende a cobrança de quotas e promove um referendo. 797 associados (só 39 votam contra) dão luz verde à manutenção em funções dos corpos gerentes, até serem eleitos os da nova entidade.

O braço-de-ferro interno, porém, está em curso. A 26 de maio, quando os proprietários de farmácia se juntam na sede da Ordem dos Farmacêuticos, o clima é de cortar à faca. Presente em substituição de Maria do Castelo – ausente na União Soviética, imagine-se! – Eurico Pais propõe a convocação de novas eleições, mas o grupo derrotado não desarma: exige aceder ao ficheiro de agremiados, para controlar presenças em nova reunião, marcada para 2 de junho. Leva nega.

Nesta reunião, na Faculdade de Farmácia de Lisboa, os ânimos andam tão à solta que até ameaças de expulsão se ouvem, como recordaria Eurico Pais 26 anos depois, na revista Farmácia Portuguesa. A peleja abre uma janela de



oportunidade para o Grupo de Cascais. Dinamizado por jovens, não quer dirigir o Grémio, mas «instituir-se como um grupo que faz estudos e assessora a Direção política», segundo afirma João Silveira no livro “Uma história das farmácias”, editado em 2015. Deste núcleo, nascerá a Comissão Central de Estudos e o documento “Formulação da Farmácia do futuro integrada numa política nacional de

BOLETIM INFORMATIVO

ano v

Nº 51ABRIL 1974SUMÁRIO

- . EDITORIAL - "A Propósito das Eleições", pelo Dr. Renato Moreira de Sá Pág. 1
- . Sessão de posse dos novos Corpos Directivos:
 - . Carta do Exm^o. Senhor Professor Doutor Albano Pereira Júnior..... " 4
 - . Discurso do Senhor Dr. António Jorge de Lemos e Sousa Macedo " 4
 - . Discurso da Senhora Dr^a. Maria do Castelo Mendes Correia " 9
- . Medicamentos com preço de custo superior ao inscrito no Regimento de Preços. " 12
- . Avisos:
 - . Contribuição Industrial - Grupo C
 - . Imposto de Comércio e Indústria " 12
- . RELATÓRIO E CONTAS DE 1973

x

Por motivo da falta de papel que continua a sentir-se, a qual poderá agravar a publicação periódica do nosso Boletim, não nos é possível este mês atingir mais páginas do que aquelas que se encontram neste número, pelo que seleccionámos o que nos pareceu de melhor interesse para conhecimento dos senhores Agraciados. Também não nos é possível publicar todos os meses os nossos anúncios.

Conflitos internos são perceptíveis no Boletim Informativo do Grémio de abril de 1974

saúde", conhecido como "Manifesto do Grupo de Cascais".

No primeiro dia de julho de um verão ainda pouco quente, reúne pela primeira vez a Comissão Administrativa do GNF. A chamada "Comissão dos 22" é generosa no número, porque ambiciosa no propósito. Apostada em agregar tendências, inclui membros da Direção do organismo e da Comissão Central de Estudos. Para «não causar maior

cisão», Maria do Castelo comunica que se afasta. Todavia, ainda dirigirá a AG de 8 de setembro, em Coimbra, na qual é eleita a Comissão Instaladora da ANF. Sem surpresa, o órgão integra antigos protagonistas (Medeiros de Almeida, João Augusto de Matos e Eurico Pais) e nomes emergentes, três dos quais futuros presidentes da Associação: Luís Teodoro, João Veiga e João Cordeiro.



Farmácias promovem literacia em saúde nas escolas

4 DE MARÇO

Em 2021, as farmácias portuguesas realizaram sessões nas escolas por todo o país, difundindo conhecimentos sobre cuidados e prevenção de saúde junto de mais de 12 mil crianças com idades entre os quatro e os 12 anos, apesar das limitações impostas pela pandemia de COVID-19. As farmácias são apoiadas neste esforço pela Vila Saúde, projeto dos Serviços Educativos do Museu da Farmácia. As sessões Vila Saúde realizam-se de forma lúdica e contam com um total de 22 temáticas, das quais três foram agora acrescentadas.



SNS condecorado pelo combate à pandemia

2 DE MARÇO,
LISBOA

O Presidente da República condecorou o Serviço Nacional de Saúde (SNS) com a mais elevada Ordem Honorífica nacional: Membro Honorário da antiga Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Marcelo Rebelo de Sousa considera que o SNS foi «exemplar ao serviço de Portugal» e que os seus profissionais demonstraram «abnegação e heroísmo» no cumprimento da missão que lhes cabe. Coube à ministra da Saúde receber as insígnias em representação do SNS, precisamente dois anos depois do primeiro caso de infeção pelo SARS-CoV-2 em Portugal.



Farmácias algarvias prestam serviço de revisão da terapêutica

17 DE FEVEREIRO,
ALGARVE

As farmácias dos concelhos de Faro, Loulé, São Brás de Alportel e Tavira vão iniciar o serviço de revisão da terapêutica junto da população com 65 ou mais anos e que utilize quatro ou mais medicamentos. O serviço promove o uso correto, seguro e efetivo dos medicamentos. Cada utente tem direito a uma visita para rever a sua terapêutica, até ao final de 2022. A iniciativa “Eu conheço os meus medicamentos” insere-se no projeto de promoção da literacia em saúde Espaço Saúde 360° Algarve, implementado pela Plataforma Saúde em Diálogo.



Farmacêutico militar recebe Medalha de Serviços Distintos

10 DE FEVEREIRO

O tenente-coronel farmacêutico Paulo Fernando Coelho da Cruz, chefe do Gabinete de Apoio do Diretor do Hospital das Forças Armadas (HFAR), foi condecorado com a Medalha Militar de Serviços Distintos. O farmacêutico distinguiu-se pelo seu trabalho, dedicação e empenho «num dos períodos mais exigentes e dramáticos para o HFAR», no âmbito do combate à pandemia de COVID-19, demonstrando «profunda dedicação e resiliência para ultrapassar todas as situações adversas».

Capsiadas

Livro de Registos da Farmácia Portuguesa,
compilados por Nuno Esteves



Genéricos pouparam 479 milhões de euros em 2021

8 DE FEVEREIRO

A cada segundo que passa, 15,08 euros são poupados às famílias e ao Estado pela dispensa de medicamentos genéricos nas farmácias comunitárias em Portugal. No último ano, a poupança alcançada foi de 479 milhões de euros, mais 16,6 milhões do que em 2020. Entre 2011 e 2021, os genéricos permitiram ao país poupar 4.770 milhões de euros. Os dados são da Associação Nacional das Farmácias (ANF) e do contador disponibilizado no website da Associação Portuguesa de Medicamentos Genéricos e Biossimilares (APOGEN).



Um milhão de testes rápidos agendados via Farmácias Portuguesas

27 DE JANEIRO

A solução digital das Farmácias Portuguesas usada para agendar testes COVID-19 atingiu o número redondo de um milhão de agendamentos. Esta ferramenta está ao dispor dos utentes desde a segunda quinzena de agosto, permitindo o agendamento de testes rápidos junto de mais de 400 farmácias. O utente seleciona o horário de preferência e regista os dados pessoais necessários para realizar o teste, o que torna o processo posterior na farmácia muito mais simples e rápido. Uma vez efetuado o agendamento, é enviada uma notificação ao utente e à farmácia.



Estudo avalia burnout nos farmacêuticos devido à pandemia

20 DE JANEIRO

Foi publicado na revista *Frontiers in Psychiatry* o estudo “Burnout in the Pharmaceutical Activity: The Impact of COVID-19”, da responsabilidade de investigadores portugueses. Os autores concluem que «os farmacêuticos que têm estado envolvidos na prestação direta de cuidados têm maior risco de burnout do que os profissionais que exercem em outras áreas» e que «a pandemia de COVID-19 tem tido impacto na prestação de cuidados farmacêuticos». Este é o primeiro estudo de abrangência nacional a avaliar o burnout e os efeitos da COVID-19 nos farmacêuticos.



Prioridades da Convenção Nacional da Saúde para a legislatura

17 DE JANEIRO

A dispensa de medicamentos em proximidade, a transição digital dos serviços de saúde, a articulação entre os setores público, privado e social, o acesso à inovação terapêutica, as dificuldades do SNS e as consequências da pandemia integram o caderno de encargos proposto para a área da Saúde durante a legislatura 2022-2026 pela Convenção Nacional da Saúde. A organização, que reúne os principais parceiros do setor, entre eles a Associação Nacional das Farmácias (ANF), partilhou com os partidos políticos o documento contendo os temas que considera estruturantes para o sistema de saúde.



Mais 718 novos farmacêuticos em 2021

12 DE JANEIRO

No último ano, registou-se a inscrição de 718 novos farmacêuticos na Ordem dos Farmacêuticos (OF). Maioritariamente, são recém-diplomados por uma das nove instituições de ensino superior responsáveis por lecionar o Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas. Este é o maior número de novos inscritos nos últimos cinco anos e o maior crescimento anual de novas inscrições na última década. A OF iniciou o ano de 2022 com 20.488 farmacêuticos membros.



Falhas de medicamentos persistem

31 DE DEZEMBRO

A indisponibilidade de medicamentos é «um problema nacional», que «deve ser abordado e mitigado», refere o estudo “Falhas de Medicamentos nas Farmácias Comunitárias: Impacto nos Doentes e no Sistema de Saúde”, do Centro de Estudos e Avaliação em Saúde (CEFAR), que foi publicado no *Journal of the American Pharmacists Association*. A primeira análise a nível nacional sobre este tema conclui que mais de metade dos inquiridos foi confrontada com falhas no abastecimento de medicamentos nos 12 meses anteriores. A dificuldade de aceder à terapêutica foi mais sentida nas zonas rurais e no Interior.

PINTADA DE OLIVEIRAS

*Quem Mirandela mirou,
em Mirandela ficou.*



REPORTAGEM:
VERA PIMENTA

FOTOGRAFIA:
EDUARDO MARTINS

Do Parque do Império, a ponte medieval de Mirandela reflete-se nas águas límpidas do Tua. Monumento nacional desde 1910, a ponte pedonal convida a um passeio prolongando, com vista privilegiada para o centro da cidade. Quando o toque do sino chama, o topo da igreja matriz emerge entre os edifícios, imponente. E a esplanada junto ao rio enche-se de mirandelenses, prontos para começar o dia, alheios ao frio das manhãs de inverno.

Situado na margem esquerda, o Museu da Oliveira e do Azeite nasceu em 2017 nas instalações da antiga Moagem Mirandelense. O objetivo, segundo a responsável, Palmira Felgueiras, é «preservar e dinamizar a identidade do azeite», transmitindo a importância histórica do produto no concelho.

A visita arranca na sala do lagar, dedicada ao processo produtivo do azeite. Do moinho de galgas, usado para triturar a azeitona, até às prensas hidráulicas, destinadas à prensagem do azeite, há peças com mais de 100 anos que guiam o visitante pelas diferentes fases de produção.

Depois da passagem pela zona de laboração e transformação da azeitona, a viagem culmina na sala de exposição, onde as diferentes utilizações do azeite ganham destaque. Da coleção fazem parte peças das principais áreas, que vão desde a gastronomia até à indústria farmacêutica.

«Há uma história interessante por detrás deste edifício», começa por contar o farmacêutico João Sá. O atual Museu da Oliveira e do Azeite era a antiga moagem de farinhas do seu avô. O projeto cultural foi impulsionado pelo seu tio, Roger Teixeira Lopes, cujo nome batizou também o auditório do espaço.

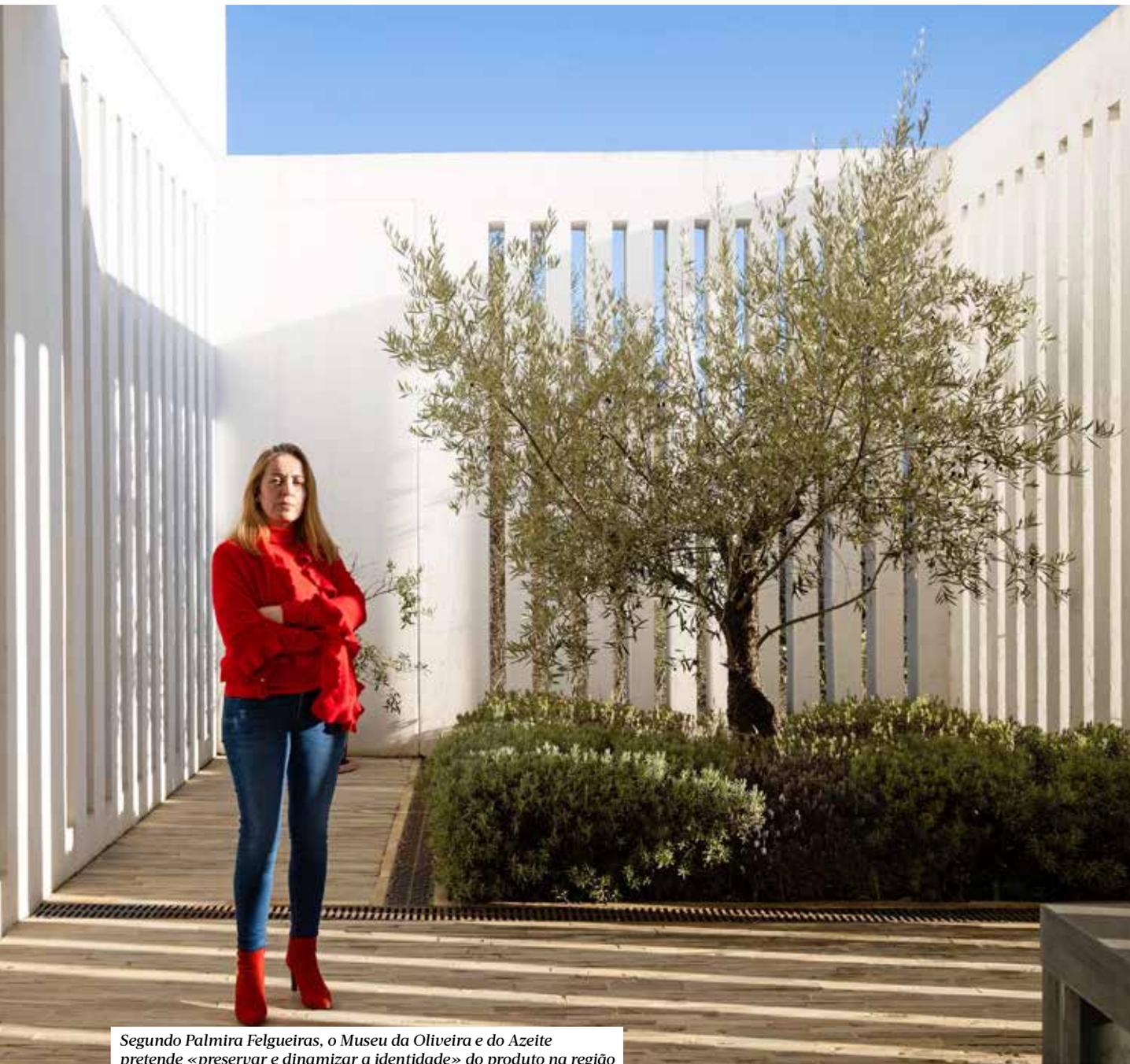
Natural do Porto, mas a viver em Mirandela desde tenra idade, o farmacêutico-adjunto da familiar Farmácia da Ponte confessa-se orgulhosamente mirandelense e apaixonado pela cidade. «Há um ditado popular que diz: “Quem Mirandela mirou, em Mirandela ficou”, e realmente há qualquer

O FARMACÊUTICO JOÃO SÁ ESTÁ EMPENHADO EM «ACRESCENTAR ALGO» À TERRA QUE LHE DEU TANTO



O Museu da Oliveira e do Azeite nasceu em 2017, nas instalações da antiga Moagem Mirandelense





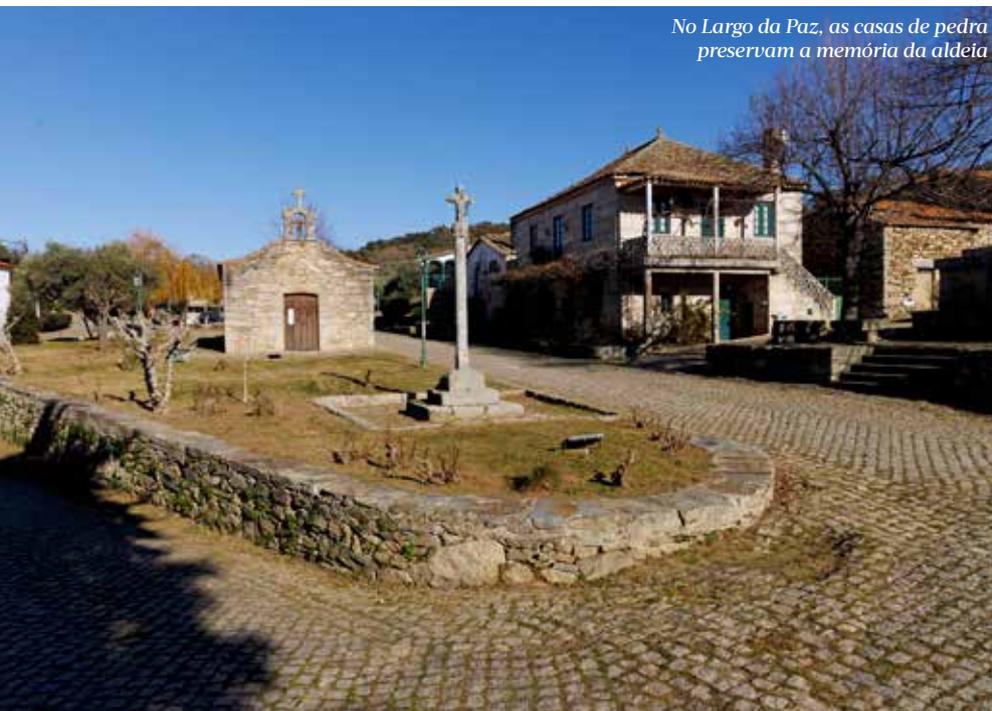
Segundo Palmira Felgueiras, o Museu da Oliveira e do Azeite pretende «preservar e dinamizar a identidade» do produto na região

coisa que nos prende a este lugar e às suas gentes», afirma. Nos passeios pelo centro, a cada esquina é interpelado por alguém que lhe deseja um “bom dia” ou trocar dois dedos de conversa. Na profissão, é o carinho pelas pessoas que o faz querer estar sempre um passo à frente no serviço à comunidade. «O meu objetivo é acrescentar algo a esta terra que me deu tanto».

Além do serviço de testagem, João destaca o papel da Farmácia da Ponte na vacinação contra a gripe, cuja articulação com as restantes farmácias do concelho permitiu

MIRANDELA ORGULHA-SE
DE TER UMA
DAS OLIVEIRAS MAIS ANTIGAS
DO PAÍS, UMA ÁRVORE COM
MAIS DE MIL ANOS

No Largo da Paz, as casas de pedra preservam a memória da aldeia



A AÇORDA DE ESPARGOS BRAVOS E O BACALHAU À ROMEU SÃO DOIS DOS PRATOS MAIS APRECIADOS PELOS MIRANDELENSES

chegar aos utentes mais necessitados. O mesmo aconteceu com o protocolo de testagem nas escolas públicas. «Unimo-nos sempre em prol dos mirandelenses», explica, acrescentando que o trabalho passa também pela colaboração com associações de solidariedade locais.

No caminho até à aldeia de Jerusalém do Romeu, a paisagem pinta-se com o verde das oliveiras. O olival com mais de 500 anos de história denuncia a importância da indústria do azeite em Mirandela e a sua forte representação na economia local. De acordo com João Sá, uma das oliveiras mais antigas de Portugal está precisamente noutra aldeia do concelho. «É uma árvore que se estima ter mais de mil anos».

Para encontrar o restaurante Maria Rita, basta seguir as várias setas que indicam a aproximação a Jerusalém do Romeu. No Largo da Paz, pitorescas casas de pedra preservam a memória da aldeia. Entre elas, a antiga estalagem da dona Maria Rita impõe-se.

A história começa em 1874, com o empresário Clemente Meneres. «Diz-se que ele teria vindo a Trás-os-Montes em busca de negócios quando encontrou esta casa», conta o farmacêutico de 46 anos. Ali comeu, pela primeira vez, um bacalhau assado com pão negro de centeio.



A história do restaurante Maria Rita remonta ao século XIX

Encantado com o que viu, depois do falecimento da proprietária decidiu adquirir a casa e transformá-la naquele que é, até aos dias de hoje, o restaurante mais conceituado da região.

Nas salas grandiosamente decoradas de quadros, rústicas cadeiras de assentos aveludados e candeeiros dourados, as mesas postas aguardam a troca de conversas e petiscos. A lareira acesa, a reconfortar o espaço, faz lembrar os serões em família.



«No início está sempre o pão», garante o gestor da marca Alheiras Angelina



A Alheira de Mirandela é uma das "7 Maravilhas da Gastronomia" portuguesa

«Aquilo que se vê hoje é o mesmo que eu vi há 40 anos, quando lá entrei pela primeira vez», recorda. «As salas são as mesmas e o próprio menu não mudou». A carta enverga os mais típicos pratos transmontanos, cozinhados à moda da casa, com receitas que têm passado de geração em geração, ao longo das décadas.

«**A** LÉM DE SEREM O MOTOR DA NOSSA ECONOMIA, AS ALHEIRAS FAZEM PARTE DA NOSSA IDENTIDADE», SUBLINHA O FARMACÊUTICO JOÃO SÁ

A Ponte Velha convida a passeios demorados com vista para o Tua



A açorda de espargos bravos, a sopa seca, a feijoca à transmontana e o bacalhau à Romeu são algumas das iguarias. Para entrada, o pão molhado no azeite da casa e os tostadinhos de alheira são as recomendações do conterrâneo João Sá. «Mas não vão privados de tempo», aconselha. «O Maria Rita é para desfrutar».

Mirandela é tradição, autenticidade e família. Os mesmos conceitos guiam Tiago Ribeiro, gerente da marca Alheiras Angelina. A unidade de produção, aberta pelos pais em 1994, está nas suas mãos há cerca de 20 anos. «Infelizmente, em 2002 perdemos a minha mãe. Angelina era o nome dela e, por consequência, o da minha filha».

Depois de duas grandes reestruturações, o negócio de família produz diariamente entre 15 e 20 mil alheiras,

coabrindo todo o território nacional e parte da Europa. As receitas originais da mãe foram aprimoradas, dando origem a uma vasta gama de alheiras.

«Eu costumo dizer que no início está sempre o pão», explica o gestor de 39 anos. «Se não tivermos um bom pão, nunca vamos ter uma boa alheira». Por isso, as instalações dispõem de uma padaria, onde o pão é produzido utilizando ingredientes que lhe conferem a textura ideal.

Depois de 72 horas em repouso, o pão é fatiado e mergulhado na água de cozedura das carnes, sempre desfiadas à mão. A alheira, enchida com uma mistura entre os dois componentes, passa de seguida para a “estufa”, onde a fumaça é feita de forma natural, com lenha. Na sala de estabilização, o produto fica a maturar durante mais 14 horas, antes de ser embalado.

No expositor da loja, além da alheira Angelina há alheira de presunto, de aves e de caça. «E, claro, a rainha da festa, que é a alheira de Mirandela IGP [Indicação Geográfica Protegida]», afirma Tiago.

A iguaria, considerada uma das “7 Maravilhas da Gastronomia” portuguesa, diferencia-se das restantes por garantir o cumprimento de um rigoroso caderno de encargos, com incorporação obrigatória de carne de porco bísaro e azeite de Trás-os-Montes DOP [Denominação de Origem Protegida].

«Além de serem o motor da nossa economia, as alheiras fazem parte da identidade mirandelense», sublinha o farmacêutico João Sá, garantindo que em Mirandela cada família tem a sua própria receita.

Na cidade onde a tradição é rainha, a gastronomia é a desculpa perfeita para os encontros demorados à mesa.



Quando o sol se põe, a fonte luminosa do Parque do Império ganha vida



O grandioso Paço dos Távoras acolhe a Câmara Municipal de Mirandela

Mas, para conhecer verdadeiramente Mirandela, é preciso passear a pé pelas ruas do centro, atravessar a Ponte Velha e fazer-se à estrada, contemplando o verde dos olivais.

«A oliveira representa um bocadinho o transmontano. É uma árvore dura, resistente. Dá-se no sol difícil e no inverno frio». E cresce sem pressas. «Porque o tempo aqui passa mais devagar».

: BULA

:1 ALHEIRAS ANGELINA

Lugar de Vale de Ague

Mirandela

T: 278 248 884

:2 MUSEU DA OLIVEIRA E DO AZEITE

Tv. Dom Afonso III, 17

Mirandela

T: 278 993 616

:3 PARQUE DO IMPÉRIO

R. Dom Afonso III, 46

Mirandela

:4 RESTAURANTE MARIA RITA

Rua da Capela, Jerusalém do Romeu

Mirandela

T: 278 939 134





Virado para o rio, o pitoresco centro histórico é local de paragem obrigatória

EM DIREÇÃO AO FUTURO

EMA
PAULINO



©PEDRO LOUREIRO

O nosso futuro é vivenciado e frequentemente determinado por um passado que poucos de nós reconhecemos ou entendemos plenamente. Esta era a convicção de Herbert Marshall McLuhan (1911–1980), um destacado educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação, nascido no Canadá, e que ficou conhecido por prever a Internet quase trinta anos antes de ser inventada.

Nas palavras de McLuhan: «Quando confrontados com uma situação totalmente nova, tendemos sempre a apegar-nos aos objetos, ao sabor do passado mais recente. Olhamos para o presente através de um espelho retrovisor. Marchamos para trás em direção ao futuro».

De facto, todos nós reconhecemos que muitos dos produtos e serviços disponibilizados já não respondem às necessidades, preferências e expectativas atuais das pessoas, mas não sabemos como corrigir esse desalinhamento. Em muitos casos, fazer algo requer uma mudança substancial, o que é sempre difícil, e frequentemente com resultados desconhecidos, o que é ainda mais angustiante. Assim, muitas empresas preferem manter as práticas antigas, ao invés de encontrar novas maneiras de fazer as coisas. É o que muitos especialistas apontam ao Serviço Nacional de Saúde, e à gestão da saúde dos portugueses em geral.

Nas farmácias, estamos a acompanhar, à mesma velocidade, a evolução das pessoas a quem prestamos serviços, e todas as oportunidades que a tecnologia e outras ferramentas à nossa disposição nos trazem?

É a esta pergunta que pretendemos dar resposta no processo de construção de um Livro Branco para o setor,

a que nos vamos dedicar nos próximos meses, e para o qual convido todas as farmácias a contribuir. Este Livro, e o método conducente à sua definição, pretendem apoiar o desenvolvimento da estratégia das farmácias portuguesas enquanto pilar de referência na prestação de cuidados de saúde, e influenciar o ecossistema de saúde em Portugal, na transição para um paradigma que concretiza a relevância das farmácias na disponibilização de serviços de valor acrescentado às pessoas, de forma integrada com as restantes respostas.

Não é nossa intenção escrever apenas um documento de visão do futuro. Pretendemos que as ações nele descritas sejam pragmáticas, tangíveis e alcançáveis. A Associação Nacional das Farmácias está firmemente empenhada em garantir que as equipas das farmácias exerçam na abrangência máxima das suas competências, de forma a otimizar a efetividade e segurança das terapêuticas, e que a sua remuneração reflita adequadamente o contributo que dão para os resultados em saúde.

É nosso objetivo apresentar uma versão preliminar do Livro Branco no 14.º Congresso das Farmácias, que se realiza nos dias 9, 10 e 11 de fevereiro de 2023, em conjunto com a Expofarma, no Centro de Congressos de Lisboa. Nesta ocasião, teremos oportunidade de aprofundar os vários temas, e co-construir a nossa visão, e o caminho individual e coletivo que vamos percorrer para lá chegar.

Honraremos o nosso passado, mas encaramos o amanhã de frente, com confiança, otimismo e determinação. Em direção ao futuro, caminharemos juntos.

anf

A saúde próxima de todos

14º

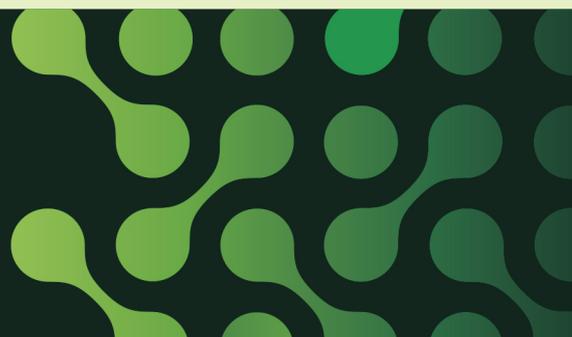
CONGRESSO
DAS FARMÁCIAS

9, 10 e 11
fevereiro de 2023

Evento realizado em simultâneo com a



ExpoFarma



CUIDAR DO SEU BEM-ESTAR VALE 500 EUROS POR MÊS.

Compre com o Cartão Saúda, acumule pontos
e ganhe 500 euros em compras na sua farmácia.



Adira já ao Cartão Saúda na sua farmácia
ou em [farmaciasportuguesas.pt](https://www.farmaciasportuguesas.pt)



**Farmácias
Portuguesas**
É para a vida.

Oferta ao cliente que fizer a transação com Cartão Saúda - 2 Milhões, 4 Milhões, 6 Milhões, 8 Milhões, 10 Milhões e 12 Milhões.
Oferta de 10 vales Saúda de 20€, 20 vales de 10€ e 20 vales de 5€, perfazendo um total de 500€.
Campanha válida de 1 de maio de 2022 a 31 de outubro de 2022. Consulte o regulamento em [farmaciasportuguesas.pt](https://www.farmaciasportuguesas.pt).